

jardins da lua  
saga do império malazano / livro um  
steven erikson

Tradução de Carol Chiovatto

Adaptação de Susana Clara



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

## DEDICATÓRIA

*Este romance é dedicado a  
I. C. Esslemont  
Mundos a conquistar, mundos a compartilhar.*

## AGRADECIMENTOS

Nenhum romance jamais é escrito em isolamento. O autor deseja agradecer às seguintes pessoas pelo seu apoio ao longo dos anos: Clare Thomas, Bowen, Mark Paxton-MacRae, David Keck, Courtney, Ryan, Chris e Rick, Mireille Theriacelt, Dennis Valdron, Keith Addison, Susan, David e Harriet, Clare e David Thomas Jr, Chris Rodell, Patrick Carroll, Kate Peach, Peter Knowlson, Rune, Kent e Val e às crianças, ao meu agente incansável Patrick Walsh, e a Simon Taylor, um editor magnífico.

# GENABACKIS

CAMPANHA MALAZANA, CERCA DE 1160, SONO DA CRESTA

 DOMÍNIO PANNION

 ANTERIORES CIDADES LIVRES

 BATALHAS

 OCUPAÇÃO MALAZANA

ESCALA

0 50 100 LÉGUAS

OCEANO MENINGALLE



OCEANO DE FERRUGEM

NG

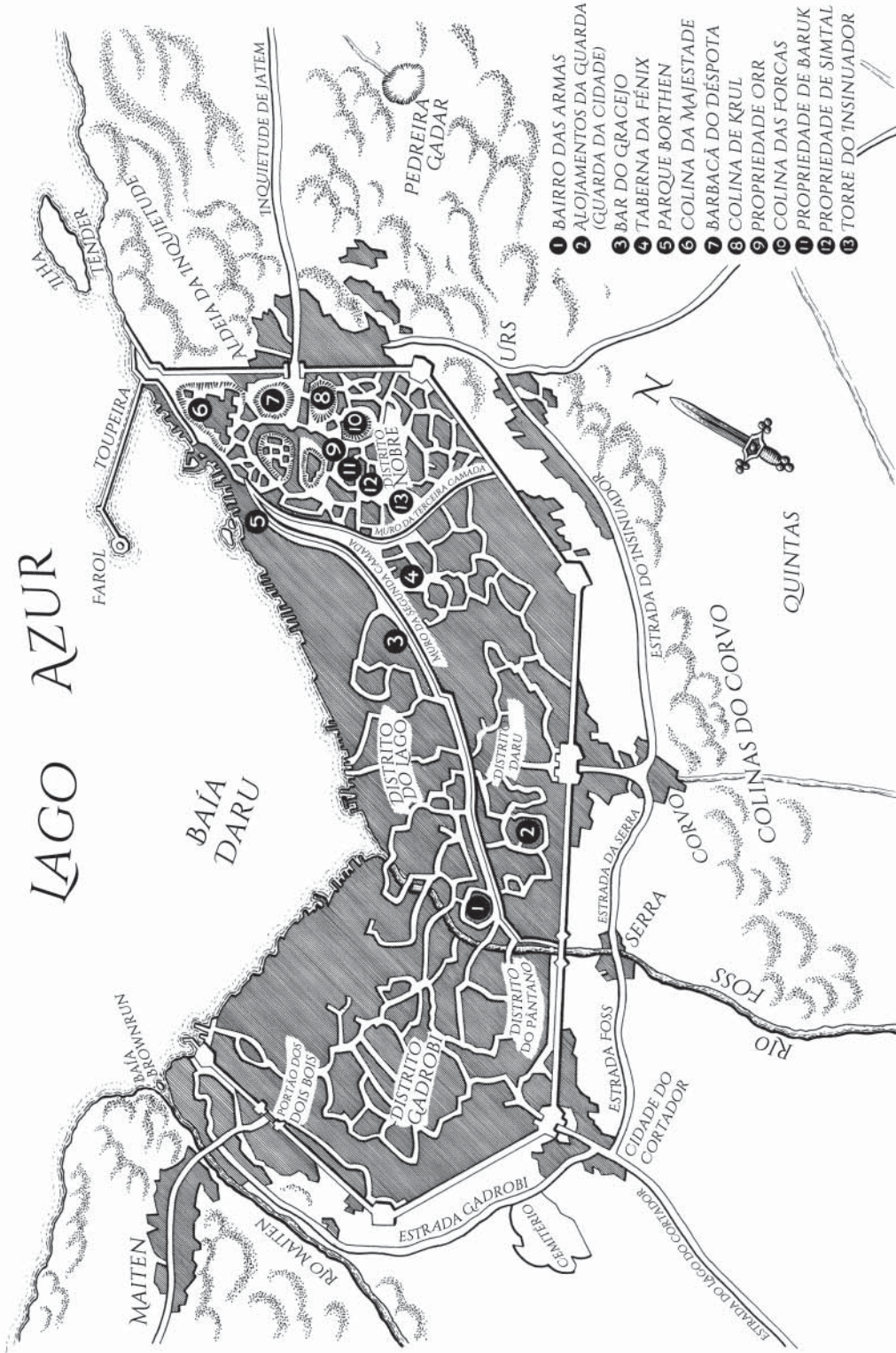
PARA ELINGARTH



# DARUJHISTAN

## LAGO AZUR

ESCALA





## PERSONAGENS

### Império Malazano

#### **Exército de Umbrão**

*Tattersail*, Feiticeira do Quadro, Segundo Exército, uma leitora do Baralho de Dragões

*Hairlock*, Mago do Quadro, Segundo Exército, incómodo rival de Tayschrenn

*Calot*, Mago do Quadro, Segundo Exército, amante de Tattersail

*Jovem Toc*, batedor, Segundo Exército, um agente da Garra ferido gravemente no Cerco de Pale

#### **Os Queimadores de Pontes**

*Sargento Whiskeyjack*, Nono Pelotão, antigo comandante do Segundo Exército

*Cabo Kalam*, Nono Pelotão, um ex-Garra das Sete Cidades

*Ben Ligeiro*, Nono Pelotão, um mago das Sete Cidades

*Piedade*, Nono Pelotão, assassina mortífera com a aparência de uma jovem

*Azarve*, Nono Pelotão, um escavador

*Violinista*, Nono Pelotão, um escavador

*Trote*, Nono Pelotão, um guerreiro barghastiano

*Marreta*, Nono Pelotão, o curandeiro do grupo

*Sargento Inquieto*, Sétimo Pelotão

*Seletora*, Sétimo Pelotão

#### **Comando Imperial**

*Ganoes Stabro Paran*, um oficial, nobre de nascimento, do Império Malazano

*Dujek Umbrão*, Alto Punho dos Exércitos Malazanos na Campanha de Genabackis

*Tayschrenn*, Alto Mago da Imperatriz

*Bellurdan*, Alto Mago da Imperatriz

*Nightchill*, Alta Maga da Imperatriz

*A'Karonys*, Alto Mago da Imperatriz

*Lorn*, Conselheira da Imperatriz



*Topper*, Comandante da Garra  
*Imperatriz Laseen*, Soberana do Império Malazano

### **Casa Paran (Unta)**

*Tavore*, irmã de Ganoes (filha do meio)  
*Felisin*, irmã mais nova de Ganoes  
*Gamet*, Guarda da Casa e veterano

### **Da Época do Imperador**

*Imperador Kellanved*, fundador do Império, assassinado por Laseen  
*Dançarino*, principal conselheiro do Imperador, assassinado por Laseen  
*Surly*, antigo nome de Laseen, quando era Comandante da Garra  
*Dassem Ultor*, Primeira Espada do Império, assassinado do lado de fora dos muros de Y'ghatan, em Sete Cidades  
*Velho Toc*, desaparecido nas purgas que Laseen fez na Velha Guarda

### *Em Darujhistan*

#### **Clientes Habituais da Taberna da Fénix**

*Kruppe*, um homem de falsa modéstia  
*Crokus Jovemão*, um jovem ladrão  
*Rallick Nom*, um assassino da Sociedade  
*Murillio*, um membro da corte  
*Coll*, um bêbado  
*Meese*, cliente  
*Irilta*, cliente  
*Scurve*, o taberneiro  
*Sulty*, criada  
*Chert*, valentão azarado

#### **Conspiração T'Orrud**

*Baruk*, um Alto Alquimista  
*Derudan*, uma Bruxa de Tennes  
*Mammot*, Sumo Sacerdote de D'riss e eminente estudioso, tio de Crokus  
*Travale*, um soldado devoto da Conspiração  
*Tholis*, um Alto Mago  
*Parald*, um Alto Mago

### **Conselho**

*Turban Orr*, um poderoso conselheiro e amante de Simtal

*Lim*, aliado de Turban Orr

*Simtal*, senhora da Casa de Simtal

*Estraysian D'Arle*, rival de Turban Orr

*Challice D'Arle*, filha de Estraysian D'Arle

### **Sociedade dos Assassinos**

*Vorcan*, mestra da Sociedade (também conhecida como *Mestre dos Assassinos*)

*Ocelote*, Líder do Clã de Rallick Nom

*Talo Krafar*, um assassino do Clã Jurig Denatte

*Krute de Talient*, um agente da Sociedade

### **Também na Cidade**

*Amódita*, um conhecido mestre-espião

*Quebrantador de Círculos*, um agente de Amódita

*Vildrom*, um guarda da cidade

*Stillis*, Capitão da Guarda da Casa de Simtal

### *Outros Participantes*

#### **Os Tiste Andii**

*Anomander Rake*, Senhor da Cria da Lua, Filho da Escuridão, Cavaleiro da Escuridão

*Serrat*, segundo em comando de Rake

*Korlat*, um caçador noturno e parente sanguíneo de Serrat

*Orfantal*, um caçador noturno

*Horult*, um caçador noturno

#### **Os T'lan Imass**

*Logros*, Comandante dos Clãs de T'lan Imass que servem o Império Malazano

*Onos T'oolan*, um guerreiro sem clã

*Pran Chole*, um Invocador de Ossos (xamã) dos Kron T'lan Imass

*Kig Aven*, Líder de um clã

## **Outros**

*Bruxa*, um Grande Corvo, serva de Anomander Rake

*Silannah*, uma eleint, companheira de Anomander Rake

*Raest*, um tirano jaghut

*Caladan Brood*, senhor da guerra que enfrenta os exércitos malazanos na

### Campanha do Norte

*Kallor*, segundo em comando de Brood

*Príncipe K'azz D'Avore*, Comandante da Guarda Escarlate

*Jorrick Lançaafiada*, um oficial da Guarda Escarlate

*Cowl*, um Alto Mago da Guarda Escarlate

*Cabo Blues*, Sexta Lâmina da Guarda Escarlate

*Dedos*, Sexta Lâmina da Guarda Escarlate

*Baran*, um Cão da Sombra

*Cega*, uma Cadela da Sombra

*Engrenagem*, um Cão da Sombra

*Crucifixo*, um Cão da Sombra

*Shan*, um Cão da Sombra

*Doan*, um Cão da Sombra

*Ganrod*, um Cão da Sombra

*Trono Sombrio/Ammanas*, Governante do Labirinto da Sombra

*O Corda/Cotillion*, Companheiro de Trono Sombrio e Patrono dos Assassinos

*Icarium*, Construtor da Roda das Eras de Darujhistan

*Mappo*, companheiro de Icarium

*Vidente Pannion*, um profeta tirano que governa o Domínio Pannion

Agora que estas cinzas arrefeceram, abrimos o livro antigo.

Estas páginas manchadas de óleo narram as histórias dos Vencidos, de um império desgastado, com palavras sem calor. A lareira apagou-se, o seu brilho e as suas centelhas de vida são apenas memórias em olhos baços — o que conduz a minha mente, o que matiza os meus pensamentos, enquanto abro o Livro dos

Vencidos e inspiro profundamente o aroma da História?

Ouça, então, estas palavras levadas nesse sopro.

Estas histórias são as histórias de todos nós, uma e outra vez.

Somos História revivida e isso é tudo, sem o fim que é tudo.

O Imperador está morto!  
Assim como a sua mão direita — agora morta, agora cortada!  
Mas atente a estas sombras agonizantes,  
Entrelaçadas e escorrendo sangrentas e derrotadas,  
Para baixo e fora das vistas mortais...  
Do governo do ceptro destituído,  
do castiçal dourado a luz agora esmoreceu,  
da lareira revestida em joias rígidas,  
por sete anos este calor sangrou...

O Imperador está morto.  
Assim como o seu companheiro subjugado, a corda de vez cortada.  
Mas atente a este retorno florescente —  
escuridão hesitante, a mortalha em trapos  
abraçando crianças na luz agonizante do Império.  
Ouça agora a elegia debilmente retomada  
antes do pôr do sol, este dia derrama vermelho  
na terra deformada, e em olhos de obsidianas  
a vingança soa sete vezes...

*Chamado à Sombra (I. i. 1-18)*  
Felisin (l. 1146)

## PRÓLOGO

*Ano 1154 do Sono da Cresta*

*Ano 96 do Império Malazano*

*O Último Ano do Reinado do Imperador Kellanved*

**A**s manchas de ferrugem pareciam representar mares de sangue na superfície escura e cheia de pústulas do Cata-Vento do Escárnio. Com um século de idade, acocorava-se na ponta de uma velha lança cravada no topo exterior da muralha da Fortaleza. Monstruoso e disforme, fora forjado a frio na forma de um demónio alado, com dentes à mostra num sorriso mordaz que, a cada rajada de vento, se arrastava e debatia, guinchando, em protesto.

Os ventos estavam contrários no dia em que colunas de fumaça subiram do Bairro do Rato, na Cidade de Malaz. O silêncio do Cata-Vento anunciava o súbito abrandamento da brisa marítima, que galgava o muro irregular da Fortaleza do Escárnio, rangendo, e voltava à vida, conforme o hálito quente, carregado e repleto de fumaça do Bairro do Rato; atravessava a cidade para varrer as alturas do promontório.

Ganoes Stabro Paran, da Casa Paran, pôs-se em bicos de pés para espreitar por cima do merlão. Atrás dele estendia-se a Fortaleza do Escárnio, outrora capital do Império, mas que desde que o continente fora conquistado, havia sido relegada outra vez a uma fortaleza do Punho. À sua esquerda estava a lança com o seu troféu desengonçado.

Para Ganoes, a antiga fortificação acima da cidade era demasiado familiar para lhe chamar a atenção. Aquela era a sua terceira visita ao local em três anos. Tempos antes, explorara o pátio de paralelepípedos amontoados, a Velha Masmorra — agora, um estábulo, cujo andar de cima servia de lar a pombos, andorinhas e morcegos — e a cidadela, onde naquele momento o seu pai negociava com os oficiais do porto. Uma parte considerável deste último ponto, é claro, ficava para além dos limites que lhe eram permitidos, mesmo sendo o filho de uma casa nobre, pois era na cidadela que o Punho residia, e era nas câmaras interiores que os negócios do Império relativos àquela ilha eram conduzidos.

Com a Fortaleza do Escárnio esquecida atrás de si, a atenção de Ganoes es-

tava voltada para a cidade em ruínas abaixo e para os tumultos que ocorriam no seu bairro mais pobre. A Fortaleza do Escárnio ficava no alto de um penhasco. O nível mais alto do Pináculo era alcançado através de uma escada tortuosa, esculpida no calcário da parede do penhasco. A queda para a cidade abaixo era de aproximadamente cento e sessenta metros, a que acrescentavam talvez mais uns doze do muro corroído da Fortaleza. O Rato ficava no limite interior da cidade, uma mistura desigual de casebres e partes cobertas de mato, cortada ao meio pelo rio lodoso que se arrastava até ao porto. Com a maior parte de Malaz entre o local onde Ganoes se encontrava e o dos conflitos, era difícil discernir qualquer detalhe para além das colunas crescentes de fumo preto.

Era meio-dia, mas o relampejar e o impacto trovejante da magia faziam o ar parecer escuro e pesado.

Com a armadura a tilintar, um soldado apareceu na muralha perto dele. O homem apoiou os braços protegidos pela armadura na ameia, a bainha da sua espada arranhando-se contra as pedras.

— Feliz pelo seu sangue puro, hã? — perguntou ele, com os olhos cinzentos fixos na cidade fumegante abaixo.

O jovem estudou o soldado. Já conhecia todos os equipamentos e acessórios regimentais do Exército Imperial, e o homem ao seu lado era um comandante do Terceiro — um dos leais ao Imperador, da elite. No ombro, trazia um broche prateado a prender a capa cinzenta-escura: uma ponte de pedra envolta por chamas rubi. *Um Queimador de Pontes.*

Era comum soldados de alto escalão e oficiais do Império passarem pela Fortaleza do Escárnio. A ilha de Malaz continuava a ser um importante porto de escala, principalmente agora que as guerras de Korel, a sul, tinham começado. Ganoes já se cruzara com muitos deles, ali e em Unta, a capital.

— Sempre é verdade? — perguntou Ganoes, ousadamente.

— É verdade o quê?

— A Primeira Espada do Império, Dassem Ultor. Ouvimos na capital antes de partirmos que ele está morto. É verdade? Dassem está morto?

O homem pareceu vacilar. Os seus olhos não deixaram o Rato.

— A guerra é assim — resmungou, entre dentes, como se as palavras não se destinassem aos ouvidos de mais ninguém.

— Você está no Terceiro. Eu pensei que o Terceiro estivesse com ele, nas Sete Cidades. Em Y’Ghatan...

— Pelo sopro do Encapuzado, continuam à procura do corpo dele nos escombros ainda incandescentes daquela cidade maldita, e aqui estás tu, o filho de um mercador, a quase dezassete mil quilómetros das Sete Cidades, com uma in-

formação que apenas alguns deveriam possuir. — Mesmo assim não se virou. — Não conheço as tuas fontes, mas ouve o meu conselho e guarda para ti o que sabes.

O jovem encolheu os ombros.

— Dizem que ele traiu um deus.

Finalmente o homem encarou-o. O seu rosto estava repleto de cicatrizes, e algo que se assemelhava a uma queimadura desfigurava-lhe a mandíbula e a face esquerda. Apesar de tudo, parecia jovem para um comandante.

— Presta atenção a esta lição.

— Que lição?

— Qualquer decisão que tomes pode mudar o mundo. A melhor vida é aquela que os deuses não notam. Se tu quiseres viver livre, vive sem fazer muito barulho.

— Eu quero ser um soldado. Um herói.

— Vais crescer e mudar de ideias.

O Cata-Vento do Escárnio guinchou quando uma rajada contrária vinda do porto limpou o fumo granuloso. Ganoes conseguia sentir o cheiro a peixe podre e o fedor de humanidade à beira-mar.

Outro Queimador de Pontes, este com uma rabeca partida e chamuscada presa às costas, dirigiu-se ao comandante. Era musculado e mais jovem — apenas alguns anos mais velho que o próprio Ganoes, que tinha doze. Estranhas cicatrizes de pústulas cobriam-lhe o rosto e as costas das mãos, e a sua armadura era uma mistura de peças estrangeiras sobre um uniforme puído e manchado. Uma espada curta jazia numa bainha de madeira partida presa à anca. Ele encostou-se ao merlão ao lado do outro homem com a naturalidade proveniente da convivência.

— O cheiro fica mau quando os feiticeiros entram em pânico — disse o recém-chegado. — Estão a perder o controlo lá em baixo. Não percebo para que são precisos tantos magos só para expulsar um punhado de bruxas da cera.

O comandante suspirou.

— Pensei esperar para ver se eles conseguem controlar a situação.

O soldado grunhiu.

— São todos novos, inexperientes. Isto pode marcar alguns deles para sempre. Além disso — acrescentou —, alguns lá em baixo seguem ordens de alguém.

— Uma suspeita, nada mais.

— A prova está mesmo ali — disse o outro homem. — No Rato.

— Talvez.

— Tu és demasiado protetor — disse o homem. — Surly diz que é a tua maior fraqueza.



— Surly é problema do Imperador, não meu.

Um segundo grunhido respondeu a isto.

— Talvez todos nós, mais do que pensamos.

O comandante ficou em silêncio, virando-se vagarosamente para fitar o seu companheiro.

O homem encolheu os ombros e disse:

— É só um pressentimento. Ela escolheu outro nome, sabes? Laseen.

— Laseen?

— Palavra napaniana. Significa...

— Eu sei o que significa.

— Espero que o Imperador também saiba.

— Significa “Mestre do trono” — disse Ganoes.

Os dois homens olharam para ele.

O vento mudou outra vez, fazendo o demónio de ferro gemer no poleiro — um cheiro de pedra fria da própria Fortaleza.

— O meu tutor é napaniano — explicou Ganoes.

Ouviu-se uma nova voz vinda de trás, feminina, imperiosa e fria.

— Comandante.

Os dois soldados viraram-se, mas sem pressa.

— A nova companhia precisa de ajuda lá em baixo — disse o comandante ao seu companheiro. — Manda Dujek e uma ala, e arranja alguns sapadores para conter os incêndios. Não adiantava nada que a cidade fosse toda queimada.

O soldado assentiu e afastou-se, sem sequer dirigir um olhar à mulher.

Ela estava parada com os dois guarda-costas perto do portal na praça da torre, na cidadela. A sua pele azul-escura identificava-a como napaniana, mas o resto não tinha qualquer graciosidade: usava um vestido cinzento manchado de sal, o seu cabelo castanho estava cortado curto como o de um soldado, e o seu rosto magro não despertava a atenção. Foram, entretanto, os seus guarda-costas que fizeram Ganoes estremecer, enquanto a ladeavam. Eram altos, vestidos de preto e traziam as suas mãos escondidas por luvas e os seus rostos ocultos sob capuzes. Ganoes nunca vira um Garra antes, mas instintivamente sabia que aquelas criaturas eram acólitos do culto. O que significava que a mulher era...

— A confusão é sua, Surly — disse o comandante. — Mas parece que vou ter que ser eu a resolvê-la.

Ganoes ficou chocado com a ausência de medo — o quase desprezo na voz do soldado. Surly criara a Garra, fazendo dela um poder que rivalizava apenas com o do próprio Imperador.

— Esse já não é o meu nome, Comandante.

O homem fez uma careta.

— Já ouvi dizer. Deve estar a sentir-se muito confiante na ausência do Imperador. Ele não é o único que se lembra de si como apenas uma serva da Cidade Velha. Presumo que desde essa altura já se tenha esquecido do que é gratidão.

O rosto da mulher não demonstrou se as palavras do homem a tinham atingido.

— A ordem foi simples — disse ela. — Parece que os seus novos oficiais são incapazes de cumprir a tarefa.

— A situação saiu de controlo — respondeu o comandante. — Eles são inexperientes...

— O problema não é meu — rosou ela. — Nem estou particularmente desapontada. A perda de controlo dá as suas próprias lições àqueles que se opõem a nós.

— Aqueles que se opõem? Um punhado de bruxas insignificantes que vendem o seu pouco talento... com que finalidade sinistra? Encontrar cardumes de coraval nos bancos de areia da baía. Pelo sopro do Encapuzado, mulher, isso dificilmente é uma ameaça ao Império.

— Sem autorização. Desafiando as novas leis...

— As *suas* leis, Surly. Elas não vão resultar. Quando o Imperador voltar, vai revogar a sua proibição de feitiçaria, pode estar certa disso.

A mulher sorriu friamente.

— Ficaré feliz em saber que a Torre sinalizou a aproximação dos transportes para os seus novos recrutas. Não sentiremos a sua falta ou a dos seus soldados incansáveis e rebeldes, Comandante.

Sem mais uma palavra, ou um olhar sequer para o rapaz ao lado do comandante, ela virou-se e, ladeada pelos seus guarda-costas silenciosos, voltou para a cidadela.

Ganoes e o comandante voltaram a sua atenção para o tumulto no Rato. Eram visíveis chamas que se erguiam através do fumo.

— Um dia serei um soldado — disse Ganoes.

— Só se falhares em tudo o resto — resmungou o homem. — Pegar numa espada é o último ato de um homem desesperado. Lembra-te das minhas palavras e encontra um sonho mais digno para ti.

Ganoes fez uma careta.

— Você não é como os outros soldados com quem conversei. É mais parecido com o meu pai.

— Mas eu não sou teu pai — rosou o homem.

— O mundo não precisa de outro comerciante de vinho — disse Ganoes.

Os olhos do comandante estreitaram-se, avaliando-o. Abriu a boca para dar a resposta óbvia, mas tornou a fechá-la.

Ganoes Paran voltou a olhar para o bairro em chamas abaixo, contente consigo mesmo. *Mesmo um rapaz, Comandante, pode ter um bom argumento.*

O Cata-Vento do Escárnio oscilou outra vez. O fumo quente galgou o muro, envolvendo-os, trazendo um fedor de tecido queimado, pintura e pedra chamuscadas, e algo doce.

— Está a arder um matadouro — disse Ganoes. — Porcos.

O comandante fez uma careta. Depois de um longo momento, suspirou e apoiou-se outra vez ao merlão.

— É como tu dizes, rapaz. É como tu dizes.

LIVRO 1

PALE



...No oitavo ano, as Cidades Livres de Genabackis estabeleceram contratos com uma série de exércitos mercenários para resistirem ao avanço do Império. Entre estes, destacavam-se a Guarda Escarlate, sob o comando do Príncipe K'Azz D'Avore (ver volumes III e V) e os regimentos de Tiste Andii das Crias da Lua, sob o comando de Caladan Brood, entre outros.

As forças do Império Malazano, comandadas pelo Alto Punho Dujek Umbrão, naquele ano, consistiam nos Segundo, Quinto e Sexto Exércitos, assim como as legiões de Moranth.

Em retrospectiva, duas observações podem ser feitas. A primeira é que a aliança moranthiana de 1156 marcou uma mudança fundamental na ciência da guerra para o Império Malazano, que se provaria eficaz a curto prazo. A segunda observação digna de nota é que o envolvimento do feiticeiro Tiste Andii, das Crias da Lua, representou o início da Ascensão da Feitiçaria no continente, com consequências devastadoras.

No ano 1163 do Sono da Cresta, o cerco de Pale terminou com uma batalha de feitiçaria que se tornou lendária...

*Campanhas Imperiais 1158-1194*  
*Volume IV, Genabackis*  
Imrygyn Tallobant (l. 1151)



## CAPÍTULO UM

As pedras antigas desta estrada  
retiniram com ferro  
cascos calçados de preto e tambores  
onde o vi sair caminhando  
do mar entre as colinas encharcadas de vermelho  
ao pôr do sol ele veio, um rapaz entre os ecos  
filhos e irmãos todos em postos  
de fantasmas guerreiros ele passou  
onde me sentei na derradeira e desgastada  
rocha no fim do dia —  
o seu passo dizia em alta voz tudo o que eu precisava  
de saber dele nesta estrada de pedra —  
o rapaz caminha  
outro soldado, outro  
coração vivo ainda não indiferente  
e tornado duro ferro.

*Lamento de Mãe*  
Anónimo



*Ano 1161 do Sono da Cresta*  
*Ano 103 do Império Malazano*  
*Sétimo Ano do Governo da Imperatriz Laseen*

— Instigar e arrebatar — dizia a velha —, é o que faz a Imperatriz, assim como os próprios deuses. — Ela inclinou-se para o lado e cuspiu, para depois levar um pano sujo aos lábios enrugados. — Mandei três maridos e dois filhos para a guerra.

Os olhos da jovem pescadora brilhavam enquanto via a coluna de soldados a cavalo passar com grande clamor; ela ouviu apenas uma parte do que a velha bruxa ao seu lado dissera. A respiração da jovem acelerou para acompanhar o ritmo dos magníficos cavalos. Sentia o rosto a queimar; um rubor que não tinha nada a ver com o calor. O dia morria, à medida que o vermelho do sol se espalhava sobre as árvores à sua direita. O suspiro do mar tornara-se frio no seu rosto.

— Isso foi nos dias do Imperador — continuou a velha bruxa. — Que o Encapuzado asse a alma do bastardo num espeto. Mas vê, jovem, Laseen espalha os ossos dos melhores deles. Bom, ela começou com os *dele*, não foi?

A pescadora assentiu levemente. Como convinha aos de classe baixa, esperavam à beira da estrada; a velha sobrecarregada sob um saco grosseiro cheio de nabos e a jovem com um pesado cesto equilibrado na cabeça. De minuto a minuto, aproximadamente, a velha trocava o fardo de um ombro magro para o outro. Entre os cavaleiros que as cercavam na estrada e a vala mesmo atrás revelando uma queda íngreme rumo a rochas pontiagudas, não tinha onde apoiar o fardo.

— Espalha os ossos, disse eu. Os ossos dos maridos, os ossos dos filhos, os ossos das esposas e os ossos das filhas. Para ela é tudo igual. É tudo a mesma coisa para o Império. — A velha cuspiu outra vez. — Três maridos e dois filhos, dez moedas por ano por cada um. Cinquenta moedas por ano é uma companhia fria. Fria no inverno, fria na cama.

A pescadora limpou a poeira da testa. Os seus olhos brilhantes saltitavam entre os soldados que passavam adiante. Os jovens em cima de selas altas tinham

expressões severas e fixavam o olhar em frente. As poucas mulheres que cavalgavam entre eles sentavam-se altivas e de certo modo pareciam mais ferozes que os homens. O pôr do sol lançava reflexos vermelhos nos seus elmos, que reluziam de tal forma que os olhos da jovem ardiam e a sua visão turvou-se.

— Tu és a filha do pescador — disse a velha. — Eu já te vi na estrada antes, e lá em baixo na costa. Vi-te a ti e ao teu pai no mercado. Ele não tem um braço, não é? Mais ossos para a coleção dela, é isso, hã? — Ela fez um gesto de corte com uma mão e assentiu. — A minha casa é a primeira do trilho. Uso as moedas para comprar velas. Cinco velas. Todas as noites eu queimo cinco velas para fazerem companhia à velha Rigga. É uma casa vulgar, cheia de coisas vulgares, sendo eu uma delas. O que é que tens aí nesse cesto?

Lentamente, a pescadora percebeu que lhe fora feita uma pergunta. Desviou a atenção dos soldados e sorriu para a velha.

— Desculpe — disse ela. — Os cavalos são tão barulhentos.

Rigga ergueu a voz:

— Eu perguntei o que é que tens no cesto.

— Corda. O suficiente para três redes. Precisamos de uma para amanhã. O meu pai perdeu a última; alguma coisa nas águas profundas levou-a, além de uma pescaria inteira. Ilgrand Lender quer de volta o dinheiro que nos emprestou, e precisamos de uma pescaria amanhã. Uma boa pescaria. — Ela sorriu outra vez e voltou o olhar para os soldados. — Não é maravilhoso? — Suspirou.

A mão de Rigga voou e agarrou o grosso cabelo preto da jovem, puxando com força.

A jovem gritou. A cesta na sua cabeça abanou e escorregou para cima de um ombro. Ela tentou segurá-la freneticamente, mas era demasiado pesada. A cesta bateu no chão e despedaçou-se.

— Aaai! — gritou a jovem, tentando ajoelhar-se, mas Rigga puxou-lhe o cabelo e virou-lhe a cabeça.

— Ouve-me! — O hálito azedo da velha atingiu o rosto da jovem. — Há cem anos que o Império tiraniza esta terra. Tu nasceste nela. Eu não. Quando eu tinha a tua idade, Itko Kan era um país. Hasteávamos uma bandeira e era nossa. Éramos livres.

A jovem ficou enjoada com o hálito de Rigga. Fechou os olhos com força.

— Lembra-te desta verdade, criança, ou que a Capa de Mentiras te cegue para sempre. — A voz de Rigga assumiu uma cadência sussurrada, e o corpo da jovem retesou-se. *Rigga, Riggalai, a Vidente, a bruxa da cera que aprisionava almas em velas e as queimava. Almas devoradas pelas chamas...* As palavras de Rigga estavam carregadas do tom assustador da profecia. — Lembra-te desta ver-

dade. Eu sou a última a falar contigo. Tu és a última a ouvir-me. Tu e eu estamos assim unidas, além de tudo o resto.

Os dedos de Rigga agarraram o cabelo da jovem com mais força.

— Para além do mar, a Imperatriz cravou a sua faca em solo virgem. O sangue agora vem com a maré e vai afogar-te, se não tomares cuidado. Vão pôr-te uma espada na mão, vão dar-te um bom cavalo e vão mandar-te para o outro lado daquele mar. Mas uma sombra vai abraçar a tua alma. Agora, ouve! Enterra isso bem fundo! Rigga vai proteger-te porque estamos unidas, tu e eu. Mas é tudo o que posso fazer, entendeste? Olha para o Senhor gerado na Escuridão; é dele a mão que irá libertar-te, embora ele não vá saber...

— O que é isto? — rugiu uma voz.

Rigga voltou o seu rosto para a estrada. Um guarda da escolta abrandara a velocidade da sua montaria. A Vidente soltou o cabelo da jovem.

A jovem deu um passo cambaleante para trás. Uma pedra à beira da estrada virou-se sob os seus pés e ela caiu. Quando olhou para cima, o guarda já trotava para longe. Outro bradava no seu lugar:

— Deixe a rapariga em paz, bruxa — grunhiu o segundo soldado. Ao passar, inclinou-se na sua sela e agitou a mão aberta coberta por uma manopla. A luva com escamas de ferro estalou contra a cabeça de Rigga, fazendo-a girar. Ela tombou.

A pescadora gritou quando Rigga caiu pesadamente sobre as suas coxas. Uma linha de saliva escarlate atingiu-a no rosto. A soluçar, a jovem arrastou-se pelo cascalho e usou os pés para empurrar para longe o corpo da bruxa. Conseguiu pôr-se de joelhos.

Algo na profecia de Rigga parecia cravado na cabeça da jovem, pesado como uma pedra e escondido da luz. Descobriu que não se conseguia lembrar de uma única palavra do que a Vidente dissera. Esticou o braço e pegou no xaile de lã de Rigga. Cuidadosamente, virou a mulher de barriga para cima. O sangue cobria-lhe um lado da cabeça, descendo por trás de uma orelha. Mais sangue espalhava-se pelo queixo vincado e manchava-lhe a boca. Os olhos fi-tavam cegamente.

A jovem recuou, incapaz de respirar. Desesperada, olhou em redor. A coluna de soldados passara, não deixando mais nada além de poeira e o tremor distante de cascos. A sacola com nabos de Rigga espalhara-se na estrada. Entre os vegetais pisados havia cinco velas de sebo. A jovem conseguiu inspirar profundamente o ar empoeirado. Limpando o nariz, olhou para a sua própria cesta.

— Não te importes com as velas — murmurou ela, com uma voz grossa e estranha. — Eles foram-se embora, não foram, então? Apenas um espalhar

de ossos. Não importa. — Ela gatinhou na direção dos rolos de corda que tinham caído do cesto partido, e quando falou novamente, a sua voz soou jovem, normal: — Precisamos da corda. Vamos trabalhar a noite toda e preparar uma rede. O pai está à espera. Está à porta, a olhar para a estrada, à espera de me ver.

Ela parou; um calafrio percorreu-lhe a espinha. A luz do sol tinha quase desaparecido. Um frio fora de época surgiu das sombras, que fluíam como água pela estrada.

— Aí vem — rosou a jovem suavemente, numa voz que não era a sua.

Uma mão enluvada caiu-lhe no ombro. Ela baixou-se, encolhendo-se.

— Calma, jovem — disse uma voz masculina. — Acabou. Não se pode fazer nada por ela agora.

A pescadora olhou para cima. Um homem envolto em preto inclinou-se sobre ela, o seu rosto oculto pela sombra de um capuz.

— Mas ele bateu-lhe — disse a jovem, com uma voz infantil. — E temos redes para fazer, eu e o meu pai...

— Vamos pôr-te de pé — disse o homem, colocando as mãos com dedos compridos debaixo dos seus braços. Ele endireitou-se, erguendo-a sem esforço nenhum. Os seus pés calçados com sandálias balançaram no ar antes que ele a pusesse de novo no chão.

Ela podia ver agora um segundo homem, também vestido de preto. Este estava em pé na estrada e virado para o outro lado, a olhar na direção que os soldados tinham seguido. Ele falou, com a sua voz fina como agulha.

— Não era bem uma vida — disse ele, sem se virar para ela. — Era um talento menor, com o Dom esgotado há muito tempo. Ah, ela pode ter conseguido fazer mais uma, mas nunca saberemos, pois não?

A pescadora dirigiu-se aos tropeções até à sacola de Rigga e pegou numa vela. Endireitou-se, os seus olhos subitamente duros, e, então, deliberadamente, cuspiu na estrada.

A cabeça do homem mais baixo virou-se abruptamente na direção da jovem. Dentro do capuz, as sombras pareciam brincar sozinhas.

A jovem recuou um passo.

— Era uma vida boa — sussurrou. — Ela tinha estas velas, sabe? Cinco delas. Cinco para...

— Necromancia — cortou o homem mais baixo.

O homem mais alto, ainda ao seu lado, disse delicadamente:

— Eu vejo-as e entendo o que significam.

O outro homem bufou.

— A bruxa prendeu cinco almas fracas, nada mais. — Ele inclinou a cabeça.  
— Consigo ouvi-las agora. Estão a chamá-la.

Os olhos da jovem encheram-se de lágrimas. Uma angústia muda parecia jorrar da rocha negra na sua mente. Secou as faces.

— De onde é que vieram? — perguntou abruptamente. — Não vos vimos na estrada.

O homem ao seu lado indicou o caminho de cascalho.

— Do outro lado — disse ele, com um sorriso na voz. — Estávamos à espera, assim como vocês.

O outro riu-se.

— Realmente, do outro lado. — Ele virou-se outra vez para a estrada e ergueu os braços.

A jovem respirou fundo quando a escuridão se instalou. Um som alto e dilacerante encheu o ar por um segundo, então a escuridão dissipou-se e os olhos da jovem arregalaram-se.

Sete Cães enormes estavam ao redor do homem na estrada. Os olhos das feras brilhavam amarelos e todos olhavam na mesma direção que o homem.

Ela ouviu-o silvar.

— Ansiosos? Então vão!

Silenciosamente, os cães dispararam estrada abaixo. O seu mestre virou-se e dirigiu-se ao homem ao lado dela.

— Algo para roer a mente de Laseen. — Ele riu-se outra vez.

— É mesmo preciso complicares as coisas? — replicou o outro, cansado.

O homem mais baixo retesou-se.

— Eles já alcançaram a coluna — disse, inclinando a cabeça. Vindos de longe da estrada, ouviram-se os cavalos relinchar desesperadamente. Suspirou. — Já tomaste uma decisão, Cotillion?

O outro grunhiu, divertido.

— Ao usares o meu nome, Ammanas, significa que acabaste de decidir por mim. Agora, dificilmente poderíamos deixá-la aqui, não é?

— Claro que podemos, velho amigo, só que sem estar a respirar.

Cotillion olhou para a jovem.

— Não — disse ele tranquilamente. — Ela vai servir.

A pescadora mordeu o lábio. Ainda com a vela de Rigga nas mãos, deu outro passo atrás, os seus olhos arregalados a saltarem de um homem para o outro.

— É pena — disse Ammanas.

Cotillion pareceu assentir, limpou a garganta e acrescentou:

— Vai demorar algum tempo.

Um tom de diversão soou na resposta de Ammanas.

— E nós temos tempo? A verdadeira vingança requer a lenta e cuidadosa perseguição da vítima. Já te esqueceste da dor que ela nos infligiu daquela vez? Laseen já está entre a espada e a parede. Ela pode cair sem a nossa ajuda. Que satisfação é que pode haver nisso?

A resposta de Cotillion foi fria e seca.

— Tu sempre subestimaste a Imperatriz. Por causa disso, as nossas atuais circunstâncias... Não. — Ele gesticulou para a pescadora. — Precisamos desta aqui. Laseen provocou a ira das Crias da Lua, e isso é como mexer num vespeiro. Este é o momento perfeito.

Ao longe, por cima dos relinchos dos cavalos, ouviam-se os gritos de homens e mulheres, um som que perfurou o coração da jovem. Os seus olhos saltavam da forma imóvel de Rigga na beira da estrada para a figura de Ammanas, que agora se aproximava. Pensou em correr, mas as suas pernas limitavam-se a tremer desesperadamente. Ele aproximou-se e parecia estudá-la, embora as sombras dentro do seu capuz permanecessem impenetráveis.

— Uma pescadora? — perguntou ele, num tom gentil.

Ela assentiu.

— Como é que te chamas?

— Basta! — rosou Cotillion. — Ela não é um animal para tu brincares, Ammanas. Além disso, eu escolhi-a e também vou escolher o nome dela.

Ammanas retrocedeu.

— É pena — disse ele outra vez.

A jovem ergueu as mãos suplicantes.

— Por favor — implorou ela a Cotillion —, eu não fiz nada! O meu pai é um homem pobre, mas vai pagar o que puder. Ele precisa de mim e da corda... Ele está à minha espera! — Ela sentiu uma humidade entre as pernas, e sentou-se rapidamente no chão. — Eu não fiz nada. — Sentindo-se envergonhada, pôs a mão do colo. — Por favor.

— Não tenho outra opção — disse Cotillion. — Afinal, tu sabes os nossos nomes.

— Eu nunca os tinha ouvido! — gritou ela.

O homem suspirou.

— Com o que se está a passar na estrada neste momento, tu serias interrogada. De maneira desagradável. Há quem saiba os nossos nomes.

— Sabes — acrescentou Ammanas, escondendo um risinho —, nós não devíamos estar aqui. Há nomes, e há *nomes*. — Ele virou-se para Cotillion e disse, num tom gélido: — Devemos tratar do pai dela. Mando os meus Cães?

— Não — disse Cotillion. — Ele viverá.

— Então como é que vamos fazer?

— Suspeito que a cobiça bastará, uma vez que comece uma vida nova. — As suas palavras seguintes estavam cheias de sarcasmo. — Estou certo de que consegues fazer a magia necessária para isso, não consegues?

Ammanas riu-se.

— Tem cuidado com sombras que te trazem presentes.

Cotillion fitou a jovem outra vez. Ergueu os braços para os lados. As sombras que ocultavam os seus traços na escuridão pareciam fluir em redor de todo o seu corpo.

Ammanas falou, e para a jovem as suas palavras pareciam vir de muito longe.

— Ela é ideal. A Imperatriz nunca conseguirá apanhar-lhe o rasto, não conseguirá sequer adivinhar. — Ergueu a voz. — Não é assim tão mau, ser o peão de um deus.

— Instigar e arrebatat — disse a pescadora rapidamente.

Cotillion hesitou perante o seu estranho comentário, mas encolheu os ombros. As sombras rodopiaram para envolver a jovem. Com o seu toque frio, a mente dela afundou-se na escuridão. A sua última e fugaz sensação foi a da cera mole da vela na sua mão direita que parecia jorrar por entre os dedos do seu punho fechado.

O capitão remexeu-se na sela e lançou um olhar à mulher que cavalgava ao seu lado.

— Fechámos a estrada dos dois lados, Conselheira. Transferimos o trânsito local para o interior. Até agora não houve nenhuma fuga de informação.

Limpou o suor da testa e encolheu-se. O gorro quente de lã por baixo do elmo deixava-lhe a testa ferida pela fricção.

— Passa-se alguma coisa, Capitão?

Ele abanou a cabeça, olhando para a estrada de soslaio.

— O elmo está largo. Tinha mais cabelo da última vez que o usei.

A Conselheira da Imperatriz não respondeu.

O sol do meio da manhã conferia à superfície empoeirada da estrada um tom branco que quase cegava. O capitão sentia o suor a escorrer pelo corpo, e a malha da ponta do seu elmo repuxava-lhe os cabelos do pescoço. A parte inferior das suas costas já estava dorida. Tinham-se passado alguns anos desde a última vez que montara um cavalo e a marcha estava lenta. A cada solavanco da sela, sentia as vértebras rangerem.

Já se passara muito tempo desde que o título de um homem era o suficiente para endireitar a sua postura. No entanto, aquela era a Conselheira da Imperatriz, serva pessoal de Laseen, uma extensão da sua vontade imperial. A última coisa que o capitão queria era demonstrar o seu sofrimento perante aquela mulher jovem e perigosa.

Mais à frente, a estrada começava a sua subida longa e sinuosa. Um vento salgado soprava da sua esquerda, assobiando através das árvores jovens que delineavam aquele lado da estrada. A meio da tarde, aquele vento sopraria quente como o forno de um padeiro, trazendo consigo o fedor dos pântanos; o calor do sol traria algo mais, também. O capitão esperava já estar de volta a Kan quando isso acontecesse.

Ele tentou não pensar no lugar para o qual se dirigiam. Deixava isso para a Conselheira. Nos seus anos de serviço ao Império, vira o bastante para saber quando devia guardar tudo dentro da sua mente. Aquele era um desses momentos.

— Já está cá há muito tempo, Capitão? — perguntou a Conselheira.

— Sim — resmungou o homem.

A mulher esperou, e, por fim, perguntou:

— Há quanto tempo?

Ele hesitou.

— Há treze anos, Conselheira.

— Então, lutou pelo Imperador — disse ela.

— Sim.

— E sobreviveu à purga.

O capitão olhou para ela. Se ela sentiu a sua avaliação, não o demonstrou. Os seus olhos continuavam fixos na estrada adiante; estava à vontade na sua sela, a espada embainhada, presa abaixo do seu braço esquerdo, alto o bastante para estar preparada para uma luta a cavalo. O seu cabelo ou estava cortado curto ou preso sob o elmo. A figura era bastante graciosa, ponderou o capitão.

— Já acabou? — perguntou ela. — Eu estava a perguntar sobre as purgas ordenadas pela Imperatriz Laseen, depois da morte prematura do seu antecessor.

O capitão cerrou os dentes, baixando o queixo para levantar a alça do elmo — não tivera tempo para se barbear e a fivela esfolava-lhe a cara.

— Nem todos foram mortos, Conselheira. O povo de Itko Kan não é propriamente emotivo. Não houve aqui nenhuma daquelas revoltas e execuções em massa que atingiram outras partes do Império. Nós apenas ficámos sentados à espera.

— Compreendi — disse a Conselheira, com um sorriso indiferente —, você não é nobre de nascimento, Capitão.



Ele resmungou:

— Se eu tivesse nascido nobre, não teria sobrevivido, nem mesmo aqui, em Itko Kan. Nós os dois sabemos isso. As ordens dela foram específicas, e nem mesmo esses kaneses espirituosos ousariam desobedecer à Imperatriz. — Ele franziu o sobrolho. — Não, eu subi posto a posto, Conselheira.

— Qual foi a sua última missão?

— As planícies de Wickan.

Prosseguiram em silêncio durante algum tempo, passando por alguns soldados posicionados ao longo da estrada. À sua esquerda, as árvores davam lugar a arbustos esfarrapados, e, mais à frente, o mar mostrava a sua extensão coroada de espuma branca.

— Esta área que ocupou — disse a Conselheira —, quantos soldados da sua guarda é que destacou para a patrulhar?

— Mil e cem — respondeu o capitão.

A cabeça dela virou-se perante a resposta, o seu olhar frio estreitando-se sob a borda do elmo.

O capitão estudou-lhe a expressão.

— A carnificina começa três quilómetros ao largo da costa e continua por mais um quilómetro e meio terra adentro.

A mulher não respondeu.

Aproximaram-se do cume. Um grupo de soldados reunira-se ali, e outros aguardavam espalhados pela encosta. Todos se viraram para os observar.

— Prepare-se, Conselheira.

A mulher contemplou os rostos enfileirados à beira da estrada. Sabia que aqueles eram homens e mulheres endurecidos, veteranos do cerco de Li Heng e das Guerras de Wickan, nas planícies do Norte. Algo, entretanto, fora cravado nos seus olhos, algo que os deixara feridos e expostos. Fitaram-na com uma ânsia que ela achou perturbadora, como se estivessem famintos de respostas. Lutou contra o desejo de falar com eles conforme passava, de oferecer qualquer palavra de conforto que pudesse. Tal presente não era seu para que pudesse dá-lo, nem nunca tinha sido. Nisso era bastante parecida com a Imperatriz.

Ouviu os gritos das gaivotas e dos corvos vindos do cume, um som que se transformava num grito estridente, conforme se aproximavam. Ignorando os soldados dos dois lados, a Conselheira continuou o seu caminho. O capitão seguiu-a. Alcançaram o pico e olharam para baixo. A estrada descia ali, durante aproximadamente um quilómetro, começando a subir outra vez ao longe, rumo a um promontório.

Milhares de gaivotas e corvos cobriam o chão, espalhando-se sobre os fos-

sos, entre urzes e carquejas. Por baixo desse mar vivo de branco e preto, o chão era de um vermelho uniforme. Aqui e ali surgiam as costelas descarnadas de cavalos; no meio dos pássaros barulhentos, via-se o brilho de ferro.

O capitão ergueu a mão e desapertou o elmo. Tirou-o da sua cabeça devagar, e colocou-o sobre o cepilho frontal da sela.

— Conselheira...

— Eu chamo-me Lorn — disse a mulher suavemente.

— Cento e setenta e cinco homens e mulheres. Duzentos e dez cavalos. O Décimo Nono Regimento da Oitava Cavalaria de Itko Kan. — A garganta do capitão apertou-se por um instante. Ele olhou para Lorn. — Mortos. — Sentiu o seu cavalo retrair-se debaixo de si ao perceber uma mudança no vento. Apertou as rédeas brutalmente e o animal estacou, com as narinas abertas e as orelhas para trás; os músculos das suas pernas tremiam. O corcel da Conselheira não fez nenhum movimento. — Tinham todos as armas desembainhadas. Lutaram todos contra o que quer que os tenha atacado. Mas todos os mortos são nossos.

— Patrulhou a praia lá em baixo? — perguntou Lorn, ainda a observar a estrada.

— Não há sinais de desembarque — respondeu o capitão. — Não há vestígios nenhuns, nem em direção ao mar, nem rumo ao interior. Há mais mortos para além destes, Conselheira. Proprietários rurais, camponeses, pescadores, viajantes. Todos dilacerados, membros espalhados... crianças, gado, cães. — Ele parou e virou-se abruptamente, rangendo os dentes. — Mais de quatrocentos mortos. Não temos a certeza do número exato.

— Claro — disse Lorn com um tom desprovido de emoção. — Há testemunhas?

— Nenhuma.

Na estrada abaixo, um homem cavalgava na direção deles. Inclinado junto à orelha do seu cavalo, falava com o animal assustado, conduzindo-o através da carnificina. Os pássaros levantaram voo, lamentando-se aos gritos à sua frente, pousando outra vez depois de ele passar.

— Quem é aquele? — perguntou a Conselheira.

O capitão grunhiu.

— O Tenente Ganoes Paran. Ele é novo sob o meu comando. É de Unta.

Os olhos de Lorn estreitaram-se, pousando sobre a figura do jovem. Ele alcançou a borda da depressão, parando para transmitir ordens às equipas de trabalho. Endireitou-se sobre a sua sela e lançou um olhar na direção da Conselheira e do capitão.

— Paran. Da Casa Paran?

— Sim, com berço de ouro e tudo.

— Chame-o aqui.

O capitão gesticulou e o tenente esporeou os flancos do seu cavalo. Momentos depois, ele parou ao lado do capitão e saudou-os.

O homem e o seu cavalo estavam cobertos da cabeça aos pés com sangue e pedaços de carne. Moscas e vespas zumbiam famintas ao redor deles. Lorn não viu no rosto do Tenente Paran nada da juventude que lhe pertencia por direito. Mesmo assim, o seu rosto era agradável à vista.

— Patrulhou o outro lado, Tenente? — perguntou o capitão.

Paran aquiesceu.

— Sim, senhor. Há uma pequena aldeia de pescadores por baixo do promontório. Mais ou menos uma dúzia de casebres. Corpos em quase todos, menos em dois. Parece que a maior parte dos barcos estava ancorada, embora haja um lugar vazio no ancoradouro.

— Tenente — interrompeu Lorn —, descreva os casebres vazios.

Ele afugentou uma vespa ameaçadora antes de responder.

— Um fica no topo da costa, um pouco fora do caminho da estrada. Pensamos que pertencia a uma velha que encontrámos morta na estrada, aproximadamente a dois quilómetros e meio daqui.

— Porquê?

— Os pertences dentro do casebre eram os de uma velha. Além disso, parecia que ela tinha o hábito de queimar velas. Velas de sebo, na verdade. A velha na estrada trazia uma sacola cheia de nabos e um punhado de velas de sebo. Nestas paragens o sebo é uma coisa cara, Conselheira.

— Quantas vezes é que cavalgou por este campo de batalha, Tenente? — perguntou Lorn.

— As vezes suficientes para me familiarizar com ele, Conselheira. — Ele fez uma careta.

— E o segundo casebre vazio?

— Pensamos que viviam lá um homem e uma jovem. O casebre é perto da rebentação, diante do lugar vazio no ancoradouro.

— Algum sinal deles?

— Nenhum, Conselheira. Claro que ainda estamos a encontrar os corpos, ao longo da estrada, no meio dos campos.

— Mas não na praia.

— Não.

A Conselheira franziu o sobrolho, consciente de que os dois homens a observavam.

— Capitão, que tipo de arma matou os seus soldados?

O capitão hesitou, e então fulminou o tenente com o olhar.

— Andou a rastejar lá em baixo, Paran; vamos ouvir a sua opinião.

Paran fez um sorriso tenso quando respondeu.

— Sim, senhor. Armas naturais.

O capitão sentiu um vazio no estômago. Tinha esperança de estar errado.

— O que é que quer dizer com “armas naturais”? — indagou Lorn.

— Dentes, principalmente. Muito grandes e muito afiados.

O capitão pigarreou e então disse:

— Não há relatos de lobos em Itko Kan nos últimos cem anos. De qualquer forma não há nenhuma carcaça por perto...

— Se foram lobos — disse Paran virando-se para olhar para a bacia —, eram tão grandes como mulas. Sem rastros, Conselheira. Nem mesmo um tufo de pelo.

— Então não foram lobos — disse Lorn.

Paran encolheu os ombros.

A Conselheira inspirou fundo, prendeu o ar, e depois soltou-o num suspiro lento.

— Quero ver essa vila de pescadores.

O capitão apressou-se imediatamente a pôr o elmo, mas a Conselheira abanou a cabeça.

— O Tenente Paran é suficiente, Capitão. Entretanto, sugiro que assuma pessoalmente o comando da sua guarda. Os mortos devem ser removidos o mais depressa possível. Todas as provas do massacre devem ser apagadas.

— Entendido, Conselheira — disse o capitão, com esperança de ter conseguido esconder o alívio na sua voz.

Lorn virou-se para o jovem nobre.

— Vamos, Tenente?

Ele assentiu e colocou o seu cavalo em marcha.

Foi na altura em que os pássaros se dispersaram do caminho que a Conselheira percebeu que invejava o capitão. Diante de si, os animais necrófagos excitados deixaram vislumbrar um tapete de armaduras, ossos partidos e carne. O ar estava quente, húmido e pegajoso. Ela viu soldados que ainda envergavam os seus elmos, com as cabeças esmagadas pelo que deviam ser mandíbulas imensas e terrivelmente poderosas. Viu cotas de malha estraçalhadas, escudos amolgados e membros que tinham sido arrancados dos seus corpos. Lorn suportou apenas por alguns momentos a análise minuciosa da cena ao seu redor antes de fixar o olhar no promontório mais adiante, incapaz de contemplar a magnitude da carnificina. O seu corcel — nascido das melhores

linhagens das Sete Cidades, um cavalo de guerra treinado no meio de sangue ao longo de várias gerações — perdera o seu trote orgulhoso e persistente, e escolhia o caminho com cuidado ao longo da estrada.

Lorn percebeu que precisava de alguma distração, e procurou-a no diálogo.

— Tenente, já sabe qual é que vai ser o seu posto?

— Não, Conselheira. Espero ser colocado na capital.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— A sério? E como é que vai conseguir isso?

Paran fitou-a de viés com um sorriso duro no rosto.

— Será tratado.

— Compreendo. — Lorn ficou em silêncio. — Os nobres têm evitado seguir carreiras militares e têm-se mantido discretos há bastante tempo, não é?

— Desde os primeiros dias do Império. O Imperador não morria de amores por nós enquanto que a Imperatriz Laseen parece preocupar-se com outras coisas.

Lorn fitou o jovem.

— Vejo que gosta de correr riscos, Tenente — disse ela. — A menos que a sua presunção passe por conseguir o favor da Conselheira da Imperatriz. Está assim tão convencido da invencibilidade do seu sangue?

— Desde quando é que dizer a verdade é presunção?

— Você é jovem, não é?

Aquela pergunta pareceu ferir Paran. Um rubor espalhou-se pelas suas faces bem barbeadas.

— Conselheira, nas últimas sete horas estive enterrado até aos joelhos em carne dilacerada e sangue derramado. Tenho lutado contra gaivotas e corvos pelos corpos... Sabe o que é que essas aves estão a fazer aqui? Ao certo? Estão a arrancar bocados de carne e a lutar por eles, estão a engordar à base de olhos e línguas, fígados e corações. Na sua avidez enlouquecida, atiram carne para todo o lado... — Ele fez uma pausa, procurando visivelmente recuperar o controlo sobre si mesmo enquanto se endireitava na sela. — Eu já deixei de ser jovem, Conselheira. Quanto à presunção, honestamente, não me poderia importar menos. Não se pode brincar com a verdade, não aqui fora, não agora, nem nunca mais.

Alcançaram a encosta mais distante. À esquerda, um trilho estreito descia em direção ao mar. Paran indicou-o com a mão e dirigiu o seu cavalo para lá.

Lorn seguiu-o, com um olhar pensativo fixo nas costas largas do tenente, antes de voltar a sua atenção para o caminho que tinham tomado. O trilho era estreito, e contornava a falésia do promontório. À esquerda, a berma do trilho dava para umas rochas quase vinte metros mais abaixo. A maré estava baixa, as

ondas reventavam num recife a algumas centenas de metros da costa. As fendas e bacias do leito negro e rochoso estavam cheias de água, que refletia sombriamente o céu encoberto.

Chegaram a uma curva; mais à frente e mais abaixo estendia-se uma praia em forma de lua crescente. Acima, no sopé do promontório, havia um rochedo largo, coberto de relva, sobre o qual se acoravam uma dúzia de casebres.

A Conselheira varreu o lugar com os olhos em direção ao mar. Os barcos descansavam nos seus cascos baixos ao lado dos ancoradouros. O céu na praia e a superfície do mar estavam desertos — não havia um único pássaro à vista.

Ela obrigou o cavalo a parar. Um momento depois, Paran olhou para trás e fez o mesmo. Ele observou-a a tirar o elmo e a sacudir o longo cabelo ruivo. Estava molhado, empapado de suor. O tenente dirigiu-se a ela, com um olhar inquiridor.

— Tenente Paran, as suas palavras estavam certas. — Ela inspirou o ar salgado e encarou-o. — Temo que não seja nomeado para Unta. Receberá ordens minhas, como um oficial do meu exército.

Os olhos dele estreitaram-se devagar.

— O que é que aconteceu àqueles soldados, Conselheira?

Ela não respondeu de imediato, endireitando-se na sua sela e esquadrinhando o mar distante.

— Esteve aqui alguém — disse ela. — Um feiticeiro muito poderoso. Passou-se alguma coisa e distraíram-nos para que não descobríssemos a verdade.

Paran ficou estupefacto.

— Matar quatrocentas pessoas foi uma distração?

— Se aquele homem e a sua filha tivessem saído para pescar, já teriam voltado com a maré alta.

— Mas...

— Não vai encontrar os corpos deles, Tenente.

Paran estava confuso.

— Então o que é que vamos fazer?

Ela fitou-o brevemente, e deu a volta com o seu cavalo.

— Vamos regressar.

— Só isso? — Ele observou-a enquanto ela dirigia o cavalo de volta ao trilho, depois apressou-se para a alcançar. — Espere um pouco, Conselheira — disse quando chegou ao pé dela.

Ela lançou-lhe um olhar de advertência. Paran abanou a cabeça.

— Não. Se agora estou ao seu serviço, tenho de saber mais sobre o que está a acontecer.

Ela tornou a colocar o elmo e apertou com força a tira sob o queixo. Os seus longos cabelos jaziam suspensos como cordas esfarrapadas sobre a sua capa imperial.

— Muito bem, como sabe, Tenente... Não sou uma maga...

— Não — interrompeu Paran, com um sorriso frio. — Limita-se a caçá-los e a matá-los.

— Não me interrompa novamente. Como eu estava a dizer, sou uma anátema para a feitiçaria. Isso significa, Tenente, que, embora eu não seja uma praticante, tenho uma relação com a magia. Ou algo do género. Se for mais fácil para si, nós reconhecemo-nos. Eu conheço os padrões da feitiçaria, e conheço os padrões das mentes que a utilizam. Queriam que nós concluíssemos que a carnificina foi total e aleatória. Não foi isso que aconteceu. Há aqui uma pista, e nós precisamos de a encontrar.

Paran aquiesceu devagar.

— A sua primeira tarefa, Tenente, é cavalgar até à cidade do mercado... como é que se chama?

— Gerrom.

— Sim, Gerrom. Eles devem conhecer esta vila piscatória, já que é onde a pescaria é vendida. Investigue por lá, descubra qual das famílias de pescadores consistia num pai e numa filha. Traga-me os nomes e uma descrição física. Use a milícia se os aldeões se mostrarem relutantes.

— Não vai ser preciso — disse Paran. — Os kaneses são cooperativos.

Chegaram ao alto do trilho e pararam na estrada. Mais abaixo, carroças balançavam por entre os corpos, os bois mugiam e batiam com os seus cascos ensopados de sangue. Os soldados gritavam no meio da multidão, enquanto por cima das suas cabeças voavam milhares de pássaros. A cena tresandava a pânico. Na outra ponta estava o capitão, de pé, segurando a tira do elmo com uma das mãos.

A Conselheira observou a cena com um olhar endurecido.

— Para bem deles, espero que esteja certo, Tenente — disse ela.

Enquanto via os dois cavaleiros a aproximarem-se, o capitão pressentiu que os seus dias de sossego em Itko Kan estavam contados. O elmo pesava-lhe na mão. Fitou Paran. O sacana de sangue fino conseguira. *Cem cordas puxavam-no a cada passo do seu caminho para algum posto fácil numa qualquer cidade pacífica.*

Viu que Lorn o estudava à medida que se aproximavam do pico.

— Capitão, tenho um pedido para si.

O capitão grunhiu. *Raios partam esse pedido. A Imperatriz tem de ter cuidado para que esta não tente usurpar-lhe o lugar.*

— Com certeza, Conselheira.

A mulher desmontou, assim como Paran. A expressão do tenente era impassível. Aquilo era arrogância, ou a Conselheira dera-lhe algo em que pensar?

— Capitão — começou Lorn. — Sei que há uma campanha de recrutamento a decorrer em Kan. Conseguir arranjar pessoas de fora da cidade?

— Para se alistarem? Claro, mais do que quaisquer outras. As pessoas da cidade têm muito a perder. Além disso, eles são os primeiros a receberem as más notícias. A maioria dos camponeses não sabe que em Genabackis foi tudo destruído. De qualquer forma, muitos acham que as pessoas da cidade se queixam em demasia. Posso perguntar para quê?

— Pode. — Lorn virou-se para ver os soldados a limparem a estrada. — Eu preciso duma lista dos recrutas recentes. Dos últimos dois dias. Esqueça os nascidos na cidade, quero apenas os de fora. E apenas mulheres e/ou homens velhos.

O capitão grunhiu outra vez.

— Será uma lista pequena, Conselheira.

— Espero que sim, Capitão.

— Já descobriu o que está por detrás disto tudo?

Ainda a observar as atividades na estrada abaixo, Lorn respondeu:

— Não faço ideia.

*Sim, pensou o Capitão, e eu sou a reencarnação do Imperador.*

— Que pena — murmurou ele.

— Ah! — A Conselheira encarou-o. — O Tenente Paran agora está ao meu serviço. Encarregue-se de fazer os ajustes necessários.

— Como desejar, Conselheira. Eu adoro papelada.

Aquele gracejo fez com que ela lhe fizesse um ligeiro sorriso, que desapareceu de imediato.

— O Tenente Paran vai deixar-nos agora.

O capitão olhou para o jovem nobre e sorriu, deixando que o sorriso dissesse tudo. Trabalhar para a Conselheira era como ser o isco no anzol e na outra extremidade da linha estava a Imperatriz. Ele que se desembaraçasse.

Uma expressão azeda passou pelo rosto de Paran.

— Sim, Conselheira.

Ele montou outra vez, bateu a continência e depois seguiu estrada abaixo. O capitão viu-o partir e depois disse:

— Mais alguma coisa, Conselheira?

— Sim.



O tom dela fê-lo virar-se.

— Gostaria de ouvir a opinião de um soldado sobre a atual invasão da nobreza na estrutura imperial de comando.

O capitão fitou-a com dureza.

— Não lhe vai agradar, Conselheira.

— Prossiga.

O capitão obedeceu.

Era o oitavo dia de recrutamento, o Sargento-Mor Aragan sentou-se atrás da sua mesa com os olhos vítreos, enquanto mais uma criança era empurrada para a frente pelo cabo. Tinham tido alguma sorte ali em Kan. *É melhor pescar em águas paradas*, dissera o Punho de Kan. Tudo o que ali havia eram histórias. As histórias não fazem ninguém sangrar. As histórias não deixam ninguém com fome, nem magoam os pés. Quando se é jovem, se cheira a merda de porco, e se está convencido de que não há nenhuma arma em toda a porcaria do mundo que possa matá-lo, tudo o que as histórias conseguem é fazer com que queira tornar-se parte delas.

A velha estava certa. Como de costume. Aquelas pessoas tinham sido humilhadas durante tanto tempo que realmente gostavam. *Bem*, pensou Aragan, *a instrução começa aqui*.

Tinha sido um dia mau, o capitão local tinha partido com três companhias, sem deixar para trás um único rumor concreto sobre o que se estava a passar. E se aquilo não fosse mau o suficiente, a Conselheira de Laseen chegara de Unta ainda nem tinham passado dez minutos sobre a partida do capitão. Usara um daqueles horripilantes Labirintos mágicos para chegar até ali. Embora nunca a tivesse visto, o mero sopro do seu nome no vento quente e seco era suficiente para lhe provocar calafrios. Assassina de magos; o escorpião no bolso imperial.

Aragan fez uma careta à prancheta onde escrevia e esperou até que o cabo pigarreasse. Então, olhou para cima.

A recruta à sua frente surpreendeu-o. Ele abriu a boca, tendo na ponta da língua um comentário ferino cuja finalidade era fazer os jovens baterem em retirada. Um segundo depois, fechou-a outra vez, com as palavras por dizer. O Punho de Kan deixara instruções perfeitamente claras: se tivessem dois braços, duas pernas e uma cabeça, que os aceitasse. A campanha de Genabackis fora uma confusão; eram necessários corpos frescos.

Ele sorriu para a jovem. Ela encaixava perfeitamente na descrição do Punho. Ainda assim...

— Muito bem, jovem, percebes que estás aqui para te juntares à Marinha de Malaz, correto?

A jovem assentiu, o seu olhar firme e tranquilo fixo em Aragan.

A expressão do recrutador endureceu. *Raios, ela não pode ter mais de doze ou treze anos. Se fosse minha filha...*

*O que deixou os seus malditos olhos tão velhos?* Da última vez que vira algo assim fora na orla da Floresta Mott, em Genabackis; tinha marchado através de uma plantação atingida por uma seca de cinco anos e uma guerra com o dobro da duração. Aqueles olhos velhos eram trazidos pela fome, ou pela morte. Ele fez uma careta.

— Como é que te chamas?

— Fui aceite? — perguntou ela em voz baixa.

Aragan assentiu, sentindo uma dor de cabeça repentina a latejar dentro da sua cabeça.

— Dentro de uma semana vais saber onde é que vais ser colocada, a não ser que tenhas alguma preferência.

— A Campanha de Genabackis — respondeu a jovem imediatamente. — Sob o comando do Alto Punho Dujek Umbrago. Exército de Umbrago.

Aragan pestanejou.

— Vou tomar nota — disse suavemente. — O teu nome, soldado?

— Piedade. O meu nome é Piedade.

Aragan tomou nota do nome na prancheta.

— Dispensada, soldado. O cabo dir-te-á para onde deves ir. — Ele ergueu o olhar quando ela já estava perto da porta. — E lava essa lama dos pés.

Aragan continuou a escrever por um momento, depois parou. Há semanas que não chovia e a lama nos arredores tinha um tom entre o verde e o cinzento, não vermelho-escuro. Ele largou a pena e massajou as têmporas. *Bem, pelo menos a dor de cabeça está a passar.*

Gerrom situava-se a mais de oito quilómetros para o interior do continente, seguindo a Velha Estrada de Kan, uma via pré-imperial, raramente utilizada depois de a estrada costeira suspensa ter sido construída pelo Império. O tráfego, naqueles dias, fazia-se principalmente a pé: proprietários rurais e pescadores locais com as suas mercadorias. Os únicos sinais que restavam da sua passagem eram tufos desenrolados e esgarçados de tecido, cestos partidos e hortaliças pisadas a apodrecerem. Uma mula manca, a última sentinela que observava aqueles que recusavam o êxodo, andava por ali estupidamente, enterrada até

aos tornozelos num arrozal. Lançou a Paran um único olhar aflito quando ele passou a cavalgar.

Os detritos não pareciam ter mais de um dia, as frutas e hortaliças começavam a apodrecer com o calor da tarde.

Cavalgando em passo vagaroso, Paran notou quando as primeiras construções da pequena cidade mercantil surgiram através do véu de poeira. Ninguém circulava entre as casas de tijolos de barro que caíam aos bocados; nenhum cão vinha desafiá-lo, e a única carroça à vista apoiava-se só sobre uma roda. Para completar a cena inquietante, o ar estava parado, vazio do canto de pássaros. Paran desembainhou a espada.

Quando chegou às primeiras construções, parou o cavalo. O êxodo fora rápido, uma fuga dominada pelo pânico. Apesar disso, não viu corpos, nem sinais de violência além da evidente pressa daqueles que tinham partido. Inspirou fundo e lentamente soltou o ar; então, impeliu o seu cavalo para diante. A rua principal era efetivamente a única rua da vila, conduzindo, na outra ponta, a uma interseção em T marcada pela única construção de dois andares: a da Polícia Imperial. As suas persianas de estanho estavam fechadas, a pesada porta reforçada encontrava-se trancada. Ao aproximar-se, Paran não tirou os olhos do prédio.

Desmontou diante da construção, amarrou a sua égua à cancela e olhou outra vez para a rua. Nenhum movimento. Desembainhando a espada, Paran virou-se na direção da porta da Polícia.

Um som suave e contínuo que vinha do interior deteve-o, muito baixo para ser ouvido à distância, mas ali, quando se encontrava diante da imensa porta, conseguia ouvir um murmúrio fluido que lhe arrepiou todos os cabelos da nuca. Paran estendeu a espada e encostou a ponta da lâmina sob o trinco. Ergueu a tranca de ferro até que esta se desprendesse, abrindo a porta com um movimento brusco.

Um movimento ondulou na escuridão no interior, um tremor e uma pancada de ar trouxeram até Paran um fedor evocativo de carne putrefacta. Respirando fundo e com a boca tão seca como algodão velho, esperou que os seus olhos se acostumassem à escuridão.

Observou a primeira sala da Polícia. Havia uma massa em movimento e um suave e assustador sussurro de gargantas que soltavam a voz. A câmara estava repleta de pombos negros que arrulhavam com uma calma gelada. Formas humanas uniformizadas jaziam no meio deles, estiradas a esmo pelo piso junto a dejetos e a penas pretas flutuantes. Suor e morte agarravam-se ao ar, espesso como algodão.

Deu um passo em frente. Os pombos farfalharam abrindo passagem, mas, fora isso, ignoraram-no. Nenhum tentou sair pela porta aberta.

Rostos inchados, com olhos arregalados, olhavam para cima das sombras; faces azuis, como as de homens estrangulados. Paran fitou um dos soldados.

— Ultimamente, não é nada aconselhável usar este uniforme — murmurou entre dentes.

*Uma conjuração de pássaros para manter uma vigília escarnecedora. Já não acho assim tanta piada ao humor negro.* Forçou-se a prosseguir e atravessou a sala.

Os pombos afastaram-se da frente das suas botas, arrulhando. A porta para o escritório do capitão estava entreaberta. Uma luz bolorenta jorrava através das articulações desiguais das persianas nas janelas. Embainhando a espada, Paran entrou na sala. O capitão ainda estava sentado na sua cadeira, o seu rosto inchado e contundido em tons de azul, verde e cinzento.

Paran varreu penas húmidas de cima da mesa, revistando os rolos. As folhas apodrecidas e oleosas de papiro entre os seus dedos despedaçavam-se ao toque.

*Uma total eliminação de rastos.*

Virou-se, caminhando rapidamente através da primeira sala até alcançar a luz quente. Fechou a porta do prédio da Polícia, como, sem dúvida, os aldeões tinham feito.

A florescência escura da feitiçaria era uma mancha que poucos se davam ao trabalho de analisar detalhadamente. Tinha o hábito de se espalhar.

Paran desamarrou a sua égua, montou-a e cavalgou para longe da cidade abandonada. Não olhou para trás.

O sol estava a pôr-se, pesado e túmido no meio de um borrão de nuvens escarlates no horizonte. Paran lutou para manter os olhos abertos. Tinha sido um dia longo. *Um dia horrível.* A terra ao seu redor, outrora familiar e segura, transformara-se noutra coisa, um lugar revolvido pelas correntes escuras da feitiçaria. Ele não ansiava pela noite acampado ao relento.

O seu cavalo prosseguia arrastando-se, de cabeça baixa, enquanto o crepúsculo os envolvia devagar. Puxado pelas correntes desgastadas dos seus pensamentos, Paran tentava desde manhã entender o que acontecera.

Arrebatado da alçada daquele capitão lacónico de expressão embrutecida e da guarnição de Kan, o tenente vira as suas perspetivas começarem a subir rapidamente. Ajudante da Conselheira era uma progressão na carreira que não poderia sequer ter imaginado uma semana antes. Apesar da profissão que escolhera, o pai e as irmãs ficariam impressionados, talvez até deslumbrados, pela sua

conquista. Como tantos outros filhos e filhas da nobreza, ele há muito tempo que só tinha olhos para o exército imperial, faminto de prestígio e entediado com as atitudes complacentes e estáticas da classe nobre em geral. Paran queria algo mais estimulante do que coordenar carregamentos de vinho, ou supervisionar a procriação dos cavalos.

Também não estava entre os primeiros que se alistaram, facilitando desse modo o caminho de entrada para o treino militar de postos seletivos. Fora apenas a má sorte que o tinha mandado para Kan, onde uma guarnição veterana estivera a lamber as feridas durante quase seis anos. Sobrava pouco respeito para um tenente inexperiente, e menos ainda para um nobre.

Paran suspeitava que essa situação mudara desde o massacre na estrada. Lidara com o acontecimento melhor do que muitos daqueles veteranos, devendo muito desse feito à raça superior do seu cavalo. Além disso, para provar todo o seu profissionalismo frio e desapegado, tinha-se voluntariado para liderar a expedição de inspeção.

Saíra-se bem, embora a missão se tivesse provado... difícil. Ouvira gritos enquanto rastejava entre os cadáveres, vindos de algum lugar dentro da sua própria cabeça. Os seus olhos tinham-se fixado em detalhes, esquisitices — a torção peculiar de um corpo, o sorriso inexplicável no rosto daquele soldado —, mas o que se tinha provado mais difícil era o que fora feito aos cavalos. As suas narinas e bocas estavam cheias de espuma incrustada, evidentes sinais do terror; as suas feridas eram terríveis, imensas e devastadoras. Bólicas e fezes maculavam as outrora orgulhosas montarias, que jaziam sobre um tapete de sangue e pedaços de carne vermelha. Ele quase chorara por aqueles cavalos.

Moveu-se inquieto na sela, sentindo a transpiração inundar as mãos onde estas se apoiavam no cepilho ornamentado. Mantivera a confiança durante todo o episódio; mas, enquanto os seus pensamentos retornavam àquela cena horrível, era como se algo que sempre fora sólido na sua mente hesitasse, intimidado, ameaçando o equilíbrio. O débil desdém que demonstrara em relação aos veteranos da sua tropa, ajoelhados desamparados à beira da estrada, torturados por espasmos de vômito, regressava sob um matiz macabro. O eco que vinha do prédio da Polícia em Gerrom chegava como um último golpe sobre a sua alma já ferida e derrotada, erguendo-se novamente para o puxar do torpor defensivo que ainda o mantinha sob controlo.

Paran endireitou-se com esforço. Dissera à Conselheira que a sua juventude tinha desaparecido. Dissera-lhe outras coisas também, destemido, despreocupado, destituído de toda a precaução que o pai lhe inculcara no que se referia às muitas faces do Império.

De um sítio muito longe na sua mente vieram palavras muito velhas: *Vive sem fazer muito barulho*. Ele rejeitara aquela ideia na época; ainda a rejeitava.

A Conselheira, entretanto, notara-o. Ele perguntava-se naquele momento, pela primeira vez, se estivera certo em sentir orgulho. Aquele comandante endurecido que conhecera há tantos anos, nas muralhas da Fortaleza do Escárnio, teria cuspidos nos pés de Paran, com desprezo, se estivesse diante dele agora. Já não era um rapaz, mas sim um homem. *Devias ter prestado atenção às minhas palavras, meu filho. Agora olha só para ti*.

A sua égua deteve-se de repente, os cascos a bater confusamente na estrada esburacada. Paran colocou a mão na espada enquanto observava, inquieto, a escuridão ao seu redor. O trilho atravessava arrozais e as cabanas mais próximas dos camponeses numa serra paralela a cem passos da estrada. Apesar disso, uma figura bloqueava a estrada.

Um sopro frio rodopiou preguiçosamente, passando por Paran, fazendo as orelhas da sua égua ficarem de pé, e as suas narinas alargaram-se enquanto ela recuava.

A figura — um homem, a julgar pela altura — estava coberta por tons de verde: encapuzado, trajava uma capa, uma túnica desbotada e calças de linho sobre botas de couro tingido de verde. Uma única adaga, a arma preferida entre os guerreiros das Sete Cidades, jazia presa a um cinto fino. Nas mãos do homem, acinzentadas sob a luz da tarde, brilhavam anéis, anéis em todos os dedos, acima e abaixo dos nós. Ele ergueu uma delas, segurava um jarro de barro.

— Com sede, Tenente? — A voz do homem era suave, o tom estranhamente melódico.

— Tenho algum assunto para tratar consigo? — indagou Paran, a mão repousada no cabo da sua espada.

O homem sorriu, baixando o capuz. O seu rosto era comprido, a pele de um tom cinzento mais claro; os olhos escuros tinham um ângulo estranho. Ele parecia ter cerca de trinta e poucos anos, embora o seu cabelo fosse branco.

— A Conselheira pediu-me um favor — disse ele. — Está a ficar impaciente à espera do seu relatório. Eu devo acompanhá-lo... com urgência. — Sacudiu o jarro. — Mas antes, uma refeição. Tenho um verdadeiro banquete escondido nos meus bolsos, muito melhor do que uma vila kanesa atemorizada pode oferecer. Junte-se a mim, aqui, à beira da estrada. Podemos entreter-nos a conversar e a observar os camponeses a trabalhar incessantemente. Eu chamo-me Topper.

— Eu conheço esse nome — disse Paran.

— Bem, deveria mesmo conhecer — retrucou Topper. — Infelizmente, sou eu. O sangue de Tiste Andii corre nas minhas veias, tentando fugir, sem dú-

vida, da sua corrente humana mais comum. Foi a minha mão que tirou a vida da linhagem real de Unta, Rei, Rainha, filhos e filhas.

— E primos, primos em segundo grau, primos em terceiro...

— Expurgando qualquer esperança, de facto. Era o meu dever como um Garra do topo da hierarquia. Mas não respondeu à minha pergunta.

— Que foi...?

— Está com sede?

Fazendo uma careta, Paran desmontou.

— Pensei que tinha dito que a Conselheira tinha urgência no relatório.

— Depois de comermos e conversarmos civilizadamente, Tenente, pomo-nos a caminho rapidamente.

— A sua reputação põe a civilidade entre as últimas posições da sua lista de qualidades, Garra.

— É uma das minhas mais prezadas características, que ultimamente encontro pouquíssimas oportunidades para se exercitar, Tenente. Certamente conceder-me-á um pouco do seu tempo precioso, já que serei seu acompanhante?

— Qualquer que tenha sido o acordo que fez com a Conselheira, isso é entre si e ela — disse Paran, aproximando-se. — Eu não lhe devo nada, Topper, exceto inimizade.

O Garra agachou-se, tirando pacotes dos seus bolsos, seguidos de dois cálices de cristal. Destapou o jarro.

— Feridas antigas. Disseram-me que você tomou um caminho diferente, deixando para trás a fastidiosa e tumultuada classe da nobreza. — Ele serviu o vinho, enchendo os cálices com um líquido cor de âmbar. — Agora integra o corpo do Império, Tenente. Ele comanda-o. Você obedece sem questionar a sua vontade. É uma pequena parte de um músculo nesse corpo. Nada mais, nada menos. O tempo dos rancores antigos já passou há muito. — Ele baixou o frasco e passou-lhe um cálice. — Então, saudemos os novos começos, Ganoes Paran, tenente e assistente da Conselheira Lorn.

Com uma careta, Paran aceitou o cálice.

Os dois beberam.

Topper sorriu, fazendo surgir um guardanapo de seda para limpar os lábios.

— Não foi assim tão difícil, pois não? Posso tratá-lo pelo primeiro nome?

— Paran serve. E você? Que título tem o Comandante da Garra?

Topper sorriu outra vez.

— Laseen ainda comanda a Garra. Eu presto-lhe assistência. Nesse sentido, também posso ser considerado um assistente, ou algo assim. Pode tratar-me pelo

meu primeiro nome, é claro. Não sou do tipo que mantenha formalidades além do limite do razoável, no que diz respeito à familiaridade.

Paran sentou-se na estrada enlameada.

— E passámos esse limite?

— De facto.

— Como é que decide isso?

— Ah, bom. — Topper começou a desembulhar os seus pacotes, revelando queijo, pão e frutas diversas. — Eu conheço as pessoas de duas maneiras. Você assistiu à segunda.

— E a primeira?

— Nesses casos, lamentavelmente, não há tempo para apresentações.

Desgastado, Paran desapertou e tirou o elmo.

— Quer saber o que é que encontrei em Gerrom? — perguntou ele, passando uma mão pelo seu cabelo negro.

Topper encolheu os ombros.

— Se quiser.

— Talvez seja melhor esperar pelo meu encontro com a Conselheira.

O Garra sorriu.

— Começou a aprender, Paran. Nunca ceda facilmente o conhecimento que possui. As palavras são como moedas: vale a pena guardá-las.

— Até morrer numa cama de ouro — disse Paran.

— Não tem fome? Odeio comer sozinho.

Paran aceitou uma fatia de pão.

— A Conselheira está realmente impaciente, ou você está aqui por outras razões?

Com um sorriso, o Garra levantou-se.

— Infelizmente, a conversa civilizada acabou. A nossa jornada começa agora.

Paran virou-se para ver uma cortina no ar a rasgar-se na estrada, derramando uma luz amarela baça. *Um Labirinto, o caminho secreto da feitiçaria.*

— Pelo sopro do Encapuzado — suspirou ele, lutando contra um calafrio repentino.

No seu interior, conseguia ver um caminho acinzentado, cercado de ambos os lados por muros baixos amontoados, encimado por uma bruma impenetrável de cor ocre. O ar varria a sua entrada para o portal como uma inspiração, revelando que o caminho era feito de cinzas quando correntes invisíveis despertavam e produziam redemoinhos.

— Tem de se acostumar a isto — disse Topper.

Paran pegou nas rédeas da sua égua e pendurou o seu elmo no cepilho da sela.



— Vá à frente — disse ele.

O Garra lançou-lhe um olhar apreciativo e entrou no Labirinto.

Paran seguiu-o. O portal fechou-se atrás deles e no seu lugar o caminho continuava inalterado. Itko Kan desaparecera e com ela todos os sinais de vida. O mundo em que tinham entrado era árido, mortal. Os montes inclinados que delineavam o trilho provaram ser mais cinzas. O ar era arenoso, com gosto metálico.

— Bem-vindo ao Labirinto Imperial — disse Topper, com um tom zombeteiro.

— Agradável.

— Esculpido pela força de... do que estava aqui antes. Teria tal façanha sido alcançada antes? Só os deuses podem dizer.

Começaram a andar.

— Concluo, então — disse Paran —, que nenhum deus reclamou este Labirinto. Assim, você engana as portagens, os porteiros, os guardiães de pontes despercebidas, e todos os outros que se costuma dizer que habitam os Labirintos ao serviço dos seus mestres imortais.

Topper grunhiu.

— Acredita que os Labirintos têm assim tantas pessoas? Bem, as crenças dos ignorantes são sempre divertidas. Eu acho que você vai ser uma boa companhia nesta jornada.

Paran ficou em silêncio. Os horizontes além dos montes de cinzas acumuladas estavam próximos, o seu tom era uma vaga mescla do céu ocre e do chão cinzento-escuro, quase negro. O suor escorreu sob a sua cota de malha. A égua resfolegou pesadamente.

— Para o caso de se estar a perguntar — disse Topper, ao fim de algum tempo —, a Conselheira está em Unta. Vamos usar este Labirinto para atravessar essa distância, quase mil e setecentos quilómetros, em poucas horas. Alguns acreditam que o Império cresceu demasiado, alguns acham até que as suas províncias mais remotas ficam para lá do alcance da Imperatriz Laseen. Como acaba de descobrir, Paran, tais crenças são alimentadas por tolos.

A égua resfolegou outra vez.

— Deixei-o assim tão envergonhado ao ponto de permanecer em silêncio? Eu gostaria de me desculpar, Tenente, por troçar da sua ignorância...

— É um risco que terá de correr — disse Paran.

Nos mil passos seguintes, o silêncio pertenceu a Topper.

...

Nenhuma mudança de luz marcou a passagem das horas. Passaram várias vezes por lugares em que os montes de cinzas haviam sido revolvidos, como se tivesse passado por ali algo tão grande que se arrastava, e rastros largos e deslizantes desapareciam na escuridão. Num desses lugares, encontraram uma marca escura incrustada e elos de correntes espalhados como moedas na poeira. Topper analisou o cenário detalhadamente, enquanto Paran observava.

*Esta dificilmente é a estrada segura que ele me levou a crer. Há estranhos aqui, e não são amigáveis.*

Não ficou surpreso ao perceber que dali em diante Topper apressara o passo. Pouco depois, chegaram a um arco de pedra. Tinha sido construído recentemente, e Paran reconheceu o basalto oriundo de Unta, das pedreiras imperiais no exterior da capital. Os muros das terras da sua família eram da mesma pedra de tom cinzento-escuro. No centro do arco, mesmo por cima das suas cabeças, estava entalhada uma mão que segurava um globo de cristal: o brasão do Império Malazano.

Para além do arco só havia escuridão.

Paran pigarreou.

— Chegámos?

Topper virou-se para ele.

— Você responde à civilidade com arrogância, Tenente. Fazia bem deixar de lado esse orgulho de nobre.

Sorrindo, Paran gesticulou, enquanto dizia:

— Vá à frente, acompanhante.

Com um rodopio da capa, Topper atravessou o arco e desapareceu.

A égua resistiu quando Paran a puxou para perto do arco, debatendo-se com a cabeça. Ele tentou acalmá-la, mas foi inútil. Finalmente, montou-a e pegou nas rédeas. Endireitou-a, e depois esporeou com força os flancos do animal. A égua disparou e deu um salto no vazio.

Luz e cores explodiram do lado de fora, envolvendo-os. Os cascos da égua aterraram com uma pancada torturante, espalhando algo que poderia ser cascalho em todas as direções. Paran deteve a égua, pestanejando enquanto tomava consciência do cenário à sua frente. Encontravam-se numa vasta câmara, cujo teto refulgia de ouro trabalhado, as paredes estavam cobertas com tapeçarias. Um grupo de guardas envergando armaduras aproximou-se, cercando-os.

Alarmada, a égua esquivou-se para o lado, derrubando Topper. Uma ferradura passou perto dele, errando o seu corpo por um palmo. O cascalho tornou a ranger — só que não se tratava de cascalho, notou Paran, mas sim de pedras de mosaico. Topper pôs-se de pé a praguejar, os seus olhos fulminando o tenente.

Os guardas pareceram responder a alguma ordem não proferida, retrocedendo devagar para as suas posições junto ao muro. Paran desviou a sua atenção de Topper: diante de si havia um púlpito dominado por um trono de ossos torcidos. No trono, encontrava-se a Imperatriz.

O silêncio tomou conta da câmara, exceto pelas pedras semipreciosas que continuavam a ser trituradas sob os cascos da égua. Fazendo uma careta, Paran desmontou, olhando cautelosamente para a mulher sentada no trono.

Laseen mudara pouco desde a única vez em que estivera tão perto dela; simples e sem adornos, o seu cabelo curto e loiro pairava sobre o matiz azul das suas feições imemoráveis. Os olhos castanhos fitavam-no com atenção.

Paran ajustou o cinto, entrelaçou as mãos e curvou-se numa profunda reverência.

— Imperatriz.

— Vejo que não ligou ao conselho do comandante, há sete anos — disse Laseen de maneira arrastada. Ele pestanejou, surpreso. A Imperatriz continuou: — Claro, ele também não ligou ao conselho que lhe foi dado. Eu pergunto-me que deus é que vos juntou naquela balaustrada. Eu faria oferendas em reconhecimento do seu sentido de humor. Pensou que o Arco Imperial conduziria aos estábulos, Tenente?

— O meu cavalo ficou relutante em atravessar a passagem, Imperatriz.

— E com razão.

Paran sorriu.

— Ao contrário de mim, ela é de uma raça conhecida pela inteligência. Por favor, aceite as minhas mais humildes desculpas.

— Topper vai levá-lo à Conselheira — gesticulou ela, e um guarda adiantou-se para pegar nas rédeas da égua.

Paran curvou-se outra vez e encarou o Garra com um sorriso, enquanto este o guiava para uma porta lateral.

— Seu idiota! — vociferou ele, quando a porta se fechou completamente atrás deles. Andava com passos largos, rapidamente, pelo corredor estreito. Paran não se esforçou para o acompanhar, obrigando o Garra a esperar onde um conjunto de escadas se encaracolava em direção ao teto. A cara de Topper estava vermelha de fúria. — O que é que foi aquilo sobre a balaustrada? Já a tinha encontrado antes... quando?

— Uma vez que ela se recusou a explicar, eu posso apenas seguir-lhe o exemplo — disse Paran. Observou as escadas curvas. — Esta deve ser a Torre Oeste, então... A Torre da Poeira...

— Rumo ao último andar. A Conselheira espera-o nos seus aposentos.

Não há outras portas, portanto não se irá perder, continue até chegar ao último andar.

Paran assentiu e começou a subir.

A porta do alto da torre estava entreaberta. Paran bateu com o nó de um dedo e entrou. A Conselheira estava sentada diante de uma bancada do outro lado, com as costas voltadas para uma janela larga. As persianas encontravam-se escancaradas, mostrando o brilho vermelho do nascer do sol. Ela estava a vestir-se. Paran deteve-se, desconcertado.

— Não sou púdica — disse a Conselheira. — Entre e feche a porta.

Paran fez o que lhe tinha sido ordenado. Olhou ao redor. Tapeçarias desbotadas pendiam das paredes. Peles esfarrapadas cobriam os blocos de pedra do chão. Os móveis — os poucos que havia — eram velhos, de estilo napaniano, portanto sem ornamentos.

A Conselheira levantou-se para colocar a sua armadura de couro. O seu cabelo brilhava à luz vermelha.

— Parece exausto, Tenente. Por favor, sente-se.

Ele olhou ao redor, encontrou uma cadeira, e afundou-se nela agradecido.

— O rasto foi completamente apagado, Conselheira. As únicas pessoas que restam em Gerrom provavelmente não vão falar.

Ela prendeu o último dos fechos.

— A não ser que eu envie um necromante.

Ele grunhiu.

— Histórias de pombos... Acho que previram essa possibilidade. — Ela fitou-o com uma sobrancelha arqueada. — Perdão, Conselheira. Parece que os arautos da morte foram... pássaros.

— E se fôssemos espreitar pelos olhos dos soldados mortos, pouco mais veríamos. Pombos, disse você?

Paran aquiesceu.

— Estranho.

Lorn emudeceu. Ele observou-a por mais um momento.

— Eu era um engodo, Conselheira?

— Não.

— E a chegada oportuna de Topper?

— Conveniência.

O tenente calou-se. Quando fechava os olhos, a sua cabeça girava. Não notara o quão cansado estava. Levou um instante para perceber que a mulher falava com ele. Abanou-se e endireitou-se. A Conselheira encontrava-se à sua frente.

— Mais tarde pode dormir, Tenente, agora não. Estava a informá-lo do seu futuro. Seria bom que prestasse atenção. Levou a cabo a sua missão conforme lhe tinha sido ordenado. De facto, provou ser bastante... flexível. Aparentemente, não tenho mais nada para si, Tenente. Voltará à Divisão de Oficiais aqui em Unta, depois passará por várias etapas para completar o seu treino como oficial. Quanto ao tempo que passou em Itko Kan, não aconteceu nada de invulgar por lá, percebeu?

— Sim.

— Ótimo.

— E quanto ao que realmente aconteceu por lá, Conselheira? Vamos abandonar a busca? Vamos resignar-nos a nunca saber exatamente o que aconteceu, ou porquê? Ou serei só eu a ser abandonado?

— Tenente, esse é um rasto que não devemos seguir de muito perto, mas haveremos de o fazer, e você será fundamental nessa campanha. Presumi, talvez erroneamente, que gostaria de acompanhar o caso até ao fim, ser testemunha quando a hora da vingança finalmente chegar. Estava errada? Talvez já tenha visto o bastante e queira apenas voltar à rotina.

Paran fechou os olhos.

— Conselheira, eu estaria lá quando fosse a altura.

Lorn ficou em silêncio, e ele soube sem abrir os olhos que ela o perscrutava, avaliando o seu valor. Ele ultrapassava o incómodo ou a preocupação. Expressira a sua vontade; a decisão era dela.

— Nós avançaremos devagar. A sua renomeação terá lugar dentro de alguns dias. Nesse ínterim, vá para casa, para as terras do seu pai. Descanse um pouco.

Paran abriu os olhos e pôs-se de pé. Quando chegou à porta, ela falou outra vez:

— Tenente, tenho a certeza de que não repetirá a graça na Sala do Trono.

— Eu duvido que conseguisse tantas gargalhadas na segunda vez, Conselheira.

Ao chegar às escadas, ele ouviu o que poderia ter sido uma tosse vinda do quarto atrás dele. Era difícil imaginar que poderia tratar-se de qualquer outra coisa.

Enquanto conduzia o seu cavalo pelas estradas de Unta, sentiu-se entorpecido por dentro. As visões familiares, as multidões abundantes e intermináveis, as vozes e o choque de línguas, tudo soava a Paran como algo estranho, algo mudado, que não estava diante dos seus olhos, mas sim naquele lugar irreconhecível entre

os olhos e os pensamentos. A mudança estava apenas nele e fazia-o sentir-se deslocado, exilado.

Ainda assim, o lugar era o mesmo: os cenários diante de si estavam como sempre tinham estado, e, vendo-os passar ao seu redor, nada mudara. Fora o dom do sangue nobre que mantivera o mundo à distância, para ser observado de uma posição imaculada, livre da aglomeração da plebe. *Dom... e maldição.*

Agora, no entanto, andava entre eles sem os guardas da família. O poder do sangue desaparecera e tudo o que possuía como armadura era o uniforme que passara a usar. Não era um artesão, nem um vendedor ambulante, nem um comerciante, mas um soldado. Uma arma do Império. E o Império tinha dezenas de milhares como ele.

Passou pelo Portão do Pedágio e seguiu pela Estrada da Encosta de Mármore, onde apareciam as primeiras propriedades de mercadores, recuadas em relação à rua pavimentada, parcialmente escondidas por muros. A folhagem dos jardins unia as suas cores vivas às dos muros pintados em tons fortes; a multidão reduzia-se e guardas particulares podiam ser vistos do lado de fora de portões em forma de arco. O ar abafado perdera o seu fedor a esgoto e a comida podre; deslizava mais fresco por fontes ocultas e trazia à avenida a fragrância de flores.

Cheiros da infância.

As terras estendiam-se enquanto guiava o seu cavalo mais para o interior do Bairro Nobre. Espaço para respirar comprado com tradição e dinheiro antigo. O Império parecia derreter, à distância, uma preocupação mundana. Ali, as famílias conseguiam remontar as suas linhagens até sete séculos antes, até os cavaleiros tribais que tinham chegado àquela terra vindos do Leste. Com sangue e fogo, como sempre, tinham conquistado e subjugado os primos dos kaneses que haviam construído vilas ao longo da costa. De cavaleiros guerreiros a criadores de cavalos e depois a mercadores de vinho, cerveja e tecido. Outrora uma nobreza da lâmina, tornaram-se uma nobreza de ouro acumulado, acordos de comércio, manobras subtis e corrupções escondidas em salas douradas e corredores iluminados com lamparinas.

Paran tinha-se imaginado a adquirir armadilhas que se fechavam em círculo, um retorno à lâmina da qual a sua família surgira, forte e feroz, séculos e séculos antes. O pai condenara-o pela sua escolha.

Chegou a um portão familiar, uma única porta alta num lado do muro, de frente para um beco que noutra parte da cidade seria uma rua larga. Não havia guardas ali, apenas uma fina corrente de sino, que ele puxou duas vezes.

Sozinho no beco, Paran esperou.

Uma tranca estalou do outro lado e uma voz rosnou um praguejar quando a porta se abriu sob os protestos das dobradiças.

Paran viu-se a olhar para um rosto desconhecido. O homem era velho, cheio de cicatrizes e usava uma cota de malha bastante remendada. O elmo estava des-nivelado com amolgadelas de pancadas, embora estivesse muito bem polido.

O homem fitou Paran de alto a baixo com olhos cinzentos marejados, e grunhiu:

— A tapeçaria está viva.

— Perdão?

O guarda abriu mais a porta.

— Mais velho agora, é claro, mas ainda tem os mesmos traços. O artista fez um bom trabalho ao captar o modo de ficar de pé, a expressão e tudo mais. Bem-vindo a casa, Ganoes.

Paran guiou o cavalo para dentro pela porta estreita. O caminho situava-se entre os dois anexos da propriedade, deixando o céu lá em cima à mostra.

— Eu não o conheço, soldado — disse Paran. — Mas parece que o meu retrato foi bem estudado pelos guardas. Fez dele uma carpete para os seus alojamentos?

— Mais ou menos isso.

— Como é que se chama?

— Gamet — respondeu o guarda, seguindo o cavalo depois de fechar e trancar a porta. — Estou ao serviço do seu pai há três anos.

— E antes disso, Gamet?

— Nunca mo perguntaram.

Chegaram ao pátio. Paran deteve-se, a fim de contemplar o guarda.

— O meu pai costuma pesquisar a fundo o passado daqueles que contrata.

Gamet sorriu, revelando ter todos os dentes.

— Ah, ele fez isso. E aqui estou. Acho que não fiz nada desonroso.

— Você é um veterano.

— Dê-me as rédeas, senhor, eu levo-lhe o cavalo.

Paran estendeu-lhe as rédeas. Deu uma volta e olhou ao redor do pátio. Parecia mais pequeno do que se lembrava. O velho poço, feito pelo povo sem nome que vivera ali antes dos kaneses, parecia prestes a desfazer-se num monte de poeira. Nenhum artesão iria restaurar aquelas pedras antigas esculpidas, temendo a maldição dos fantasmas que fossem acordados. Sob a casa principal havia pedras similares sem argamassa nos pontos mais profundos, com as suas muitas salas e túneis curvos, demasiado tortos e irregulares para serem usados.

Servos e jardineiros andavam para cima e para baixo no jardim. Ainda nenhum deles reparara na chegada de Paran.

Gamet pigarreou.

— O seu pai e a sua mãe não estão aqui.

Ele assentiu. Deveria haver potros para tratar em Emalau, a propriedade no campo.

— Mas as suas irmãs estão — continuou Gamet. — Vou mandar os servos limparem o seu quarto.

— Foi deixado como estava, então?

Gamet sorriu outra vez.

— Bem, é para tirarem a mobília que está a mais e os barris... O espaço de armazenagem anda escasso, sabe...

— Como de costume. — Paran suspirou e, sem mais nenhuma palavra, dirigiu-se à entrada da casa.

No salão de jantar ecoaram os passos das botas de Paran quando este caminhou em direção à comprida mesa de jantar. Gatos corriam pelo chão, espalhando-se conforme se aproximava. Desapertou a sua capa e, atirando-a para as costas de uma cadeira, sentou-se num banco e recostou-se contra a parede decorada com painéis. Fechou os olhos.

Passaram-se alguns minutos; a voz de uma mulher soou:

— Eu pensei que estavas em Itko Kan.

Ele abriu os olhos. A sua irmã Tavore, um ano mais nova, encontrava-se perto da ponta da mesa; uma mão repousava nas costas da cadeira do seu pai. Vestia-se de forma simples como sempre; linhas pálidas constituíam as suas feições e o cabelo avermelhado estava cortado mais curto do que aquilo que a moda ditava. Estava mais alta do que da última vez que a vira, quase da sua altura, não sendo já uma criança desajeitada. O seu rosto estava impassível enquanto o analisava.

— Nova nomeação — disse Paran.

— Para cá? Teríamos ouvido dizer.

*Ah, claro que teriam, não teriam? Todos os sussurros ardilosos entre as famílias interligadas.*

— Não foi planeada — admitiu. — Mas mesmo assim aconteceu. Só que não vou ficar colocado aqui em Unta. A minha visita só vai durar uns dias.

— Foste promovido?

Ele sorriu.



— Queres saber se o investimento está prestes a dar dinheiro? Mesmo tendo sido relutante, ainda precisamos de pensar em termos do potencial de influência, não precisamos?

— Administrar a posição desta família já não é da tua responsabilidade, irmão.

— Ah, agora é tua, então? O nosso pai retirou-se das atividades diárias?

— Aos poucos. A saúde dele está debilitada. Se tivesses perguntado, mesmo em Itko Kan...

Ele suspirou.

— Ainda a interceder por mim, Tavore? A assumires o fardo das minhas omissões? Eu não me fui embora propriamente sobre um tapete de flores, deves lembrar-te. De qualquer forma, sempre presumi que os assuntos da casa cairiam em mãos competentes..

Os olhos claros dela estreitaram-se, mas o orgulho silenciou a pergunta óbvia. Então, ele perguntou:

— E como está Felisin?

— A estudar. Ela ainda não sabe que voltaste. Vai ficar muito contente, e depois devastada quando souber da brevidade da tua visita.

— É ela a tua rival agora, Tavore?

A irmã bufou, virando-se para o outro lado.

— Felisin? Ela é demasiado branda para este mundo, irmão. Para qualquer mundo, acho eu. Ela não mudou. Vai ficar feliz por te ver.

Ele observou as costas rígidas de Tavore enquanto ela deixava o salão.

Ele cheirava a suor — ao seu próprio e ao da égua — e gordura, e também a mais alguma coisa... *Sangue velho e medo velho*. Paran olhou ao redor. *Muito mais pequeno do que eu me lembrava*.

## CAPÍTULO DOIS

Com a chegada dos moranthianos  
a maré mudou.  
E como navios num porto  
as Cidades Livres foram varridas  
para baixo dos mares imperiais.  
A guerra chegou ao seu décimo segundo ano,  
o Ano da Lua Destruída  
e as suas crias repentinas  
de chuva mortal e  
promessa de asas negras.  
Duas cidades restaram para rechaçar  
a investida de Malaz.  
Uma sólida, com bandeiras orgulhosas  
sob a poderosa asa da Escuridão.  
A outra dividida —  
sem um exército,  
privada de aliados.  
A cidade forte caiu primeiro.

*Chamado à Sombra*  
Felisin (l. 1146)

*Ano 1163 do Sono da Cresta (dois anos depois)*

*Ano 105 do Império Malazano*

*Nono Ano do Governo da Imperatriz Laseen*

A través do fumo pálido, os corvos voavam em círculos. Os seus grasnados formavam um coro estridente mais audível do que os gritos dos soldados feridos e agonizantes. O fedor de carne queimada pairava, imóvel, na névoa seca.

Na terceira colina sobre a cidade caída de Pale, Tattersail estava sozinha. Espalhados ao redor da feiticeira, restos retorcidos de armaduras queimadas acumulavam-se em pilhas — grevas, peitorais, elmos e armas. Uma hora antes, homens e mulheres usavam aquelas armaduras, mas deles não havia qualquer sinal. O silêncio dentro daquelas conchas vazias soava como um requiem na mente de Tattersail.

Os seus braços estavam cruzados, apertados contra o peito. A capa cor de vinho com o emblema prateado, que evidenciava o seu comando do batalhão de magos do Segundo Exército, pendia-lhe das costas redondas, manchada e chamuscada. O rosto oval e carnudo, que habitualmente ostentava um estado de espírito angelical, encontrava-se marcado com profundas linhas sombreadas, deixando as suas faces flácidas e pálidas.

Apesar de todos os cheiros e sons ao redor de Tattersail, ela apercebeu-se de um silêncio ainda mais profundo. De certa forma, vinha das armaduras vazias que a cercavam, uma ausência que era, em si mesma, uma acusação. No entanto, o silêncio tinha outra origem. A feitiçaria desencadeada ali naquele dia fora o bastante para esgarçar o tecido entre os mundos. O que quer que houvesse mais além, nos Labirintos do Caos, parecia perto o suficiente para ser alcançado e tocado.

Tinha pensado que as suas emoções já estavam esgotadas, exauridas pelos terrores por que acabara de passar, mas enquanto observava as fileiras estreitas de uma Legião de Moranthianos Negros a marcharem para dentro da cidade, uma geada de ódio encheu-lhe as pálpebras pesadas.

*Aliados. Estão a reivindicar a sua hora de sangue.* No fim daquela hora haveria menos vinte mil sobreviventes entre os cidadãos de Pale. A longa história selvagem entre os povos vizinhos estava prestes a deixar equilibrada a balança da vingança. À espadeirada. *Pela misericórdia de Shedenul, já não foi suficiente?*

Uma dúzia de incêndios fora de controlo castigava a cidade. O cerco terminara, finalmente, depois de três longos anos. Tattersail, entretanto, sabia que havia mais para vir. Havia algo que se escondia e esperava no silêncio. Então, ela esperaria também. As mortes daquele dia mereciam pelo menos isso — afinal, ela falhara de todas as outras formas que importavam.

Na planície abaixo, os corpos dos soldados malazanos cobriam o chão, um desalinhado tapete de mortos. Aqui e ali, membros projetavam-se para cima; havia corvos empoleirados neles como soberanos. Soldados que tinham sobrevivido ao massacre vagavam atordoados entre os cadáveres, procurando companheiros caídos durante a batalha. Os olhos de Tattersail seguiam-nos dolorosamente.

— Eles estão a chegar — disse uma voz, quase quatro metros à sua esquerda. A feiticeira virou-se devagar. O mago Hairlock jazia esparramado sobre as armaduras queimadas, com o topo do crânio rapado a refletir o céu encoberto. Uma onda de feitiçaria destruíra-o da cintura para baixo. Visceras cor de rosa salpicadas de lama ondulavam para fora da parte inferior da sua caixa torácica, entrelaçadas por fluidos que secavam. Uma vaga aura de feitiçaria revelava os seus esforços para permanecer vivo.

— Pensei que estivesse morto — murmurou Tattersail.

— Estava a sentir-me com sorte hoje.

— Não é o que parece.

O grunhido de Hairlock fez jorrar sangue escuro e espesso debaixo do seu coração.

— Eles estão a chegar — disse ele. — Já os consegues ver?

Ela voltou a sua atenção para o declive, com os olhos pálidos a estreitarem-se. Quatro soldados aproximavam-se.

— Quem são?

O mago não respondeu.

Tattersail encarou Hairlock outra vez e percebeu o seu olhar fixo nela, absorto da maneira que só uma pessoa agonizante consegue ficar nos seus últimos momentos.

— Tinhas pensado em sofrer um golpe nas tripas, hã? Bem, suponho que esse seja um modo de seres levado daqui para fora.

A resposta dele surpreendeu-a.

— A fachada de cruel não combina contigo, Sail. Nunca combinou. — Ele

fez uma careta e pestanejou rapidamente, lutando contra a escuridão, supôs ela. — Há sempre o risco de se saber demasiado. Fica feliz por eu te ter poupado. — Ele sorriu, revelando dentes manchados de vermelho. — Pensa em coisas boas. A carne esmorece.

Ela fitou Hairlock com firmeza, admirada com a sua repentina... *humanidade*. Talvez morrer abolisse todos os jogos habituais, os fingimentos da dança da vida. Talvez ela apenas não estivesse preparada para ver o homem mortal a revelar-se finalmente em Hairlock. Tattersail soltou o abraço doloroso e apavorado em que se envolvera, e suspirou, trémula.

— Tens razão. Não é altura para fingimentos, pois não? Eu nunca gostei de ti, Hairlock, mas jamais questionaria a tua coragem. Nunca o farei. — Ela contemplou-o criticamente, uma parte de si atónita pelo facto de a abominação do ferimento dele nem sequer a fazer encolher-se. — Acho que nem as artes de Tayschrenn são suficientes para te salvar, Hairlock.

Um brilho astucioso passou pelos olhos do mago quando ele soltou uma risada dolorida.

— Minha querida — arquejou ele —, a tua ingenuidade nunca deixa de me encantar.

— Claro — rosnou ela, magoada por sucumbir à repentina ingenuidade dele. — Mais uma brincadeira, em memória dos velhos tempos.

— Não percebeste o que...

— Tens a certeza? Estás a dizer que ainda não acabou. O teu ódio pelo nosso Alto Mago é tão feroz a ponto de o deixar escapar do abraço frio do Encapuzado, não é? Vingança de além-túmulo?

— Nesta altura já me devias conhecer. Eu arranjo sempre uma saída.

— Não consegues sequer rastejar. Como é que planeias chegar à saída?

O mago passou a língua pelos lábios gretados.

— Faz parte do acordo — disse ele em voz baixa. — A saída vem até mim. Está a caminho enquanto conversamos.

Uma inquietação revirou-se nas entranhas de Tattersail. Atrás de si, ouviu o tilintar de armaduras e o tinir de ferro, o som como um vento frio. Ela virou-se para ver os quatro soldados surgirem no cume. Três homens e uma mulher, cobertos de lama e riscas escarlate, os seus rostos quase tão brancos como ossos. A feiticeira percebeu que os seus olhos eram atraídos pela mulher, que ficou para trás como uma lembrança indesejada, enquanto os três homens se aproximavam. A mulher era jovem, bonita como um cubo de gelo e parecendo ser tão quente quanto este. *Há algo errado aqui. Cuidado.*

O homem da frente — um sargento, a julgar pela bracelete no braço —

dirigiu-se a Tattersail. Os seus olhos acinzentados, profundos, num rosto marcado e exausto, procuraram os dela impassivelmente.

— É esta? — perguntou ele, virando-se para o homem alto e magro, de pele negra, que apareceu ao seu lado. Este último abanou a cabeça.

— Não, quem queremos está ali — disse ele. Embora falasse malazano, o seu forte sotaque era das Sete Cidades.

O terceiro e último homem, também negro, passou pela esquerda do sargento e, apesar do seu tamanho, parecia deslizar, com os olhos fixos em Hairlock. O facto de ignorar Tattersail fê-la sentir-se menosprezada. Ponderou proferir uma ou duas palavras bem escolhidas enquanto ele passava por ela, mas de repente o esforço pareceu excessivo.

— Bem — disse ela ao sargento —, se são da equipa de enterros, chegaram cedo. Ele ainda não morreu. É claro que não são do funeral. Eu sei. Hairlock fez algum tipo de acordo... ele acha que consegue sobreviver com metade do corpo.

Os lábios do sargento apertaram-se sob a sua barba grisalha e eriçada.

— Aonde é que quer chegar, Feiticeira?

O homem negro ao lado do sargento olhou de soslaio para a jovem que ainda estava uma dúzia de passos atrás. Ele pareceu estremecer, mas o seu rosto magro mantinha-se inexpressivo quando se virou novamente para Tattersail e lhe ofereceu um rolar de ombros enigmático, antes de seguir adiante.

Ela tremeu involuntariamente quando o poder lhe golpeou os sentidos. Respirou fundo. *Ele é um mago*. Tattersail observou o homem unir-se ao seu companheiro que estava ao lado de Hairlock, empenhando-se para ver para lá da sujidade e do sangue que lhe cobriam o uniforme.

— De onde é que vocês são?

— Nono Pelotão do Segundo.

— Nono? — A respiração assobiou contra os dentes. — São Queimadores de Pontes. — Os olhos dela estreitaram-se fixos no sargento maltratado. — Do Nono. Isso significa que você é Whiskeyjack.

Ele pareceu recuar.

Tattersail percebeu que a sua boca estava seca. Limpou a garganta.

— Já ouvi falar de vocês, é claro. Eu ouvi os...

— Não importa — interrompeu ele, com a sua voz áspera. — Histórias velhas crescem como ervas daninhas.

Ela coçou o rosto, sentindo a sujidade a acumular-se debaixo das unhas. *Queimadores de Pontes*. Tinham sido a elite do antigo Imperador, os seus favoritos, mas desde o golpe sangrento de Laseen, há nove anos, eles tinham sido

ostracizados. Ao fim de quase uma década, isso reduzira-os a uma única divisão com falta de pessoal. Entre eles, havia nomes que se tinham destacado. Os sobreviventes, a maioria sargentos de pelotão, nomes que ganharam lugar dentro dos exércitos malazanos em Genabackis e além. Nomes temperando a já vasta lenda do Exército de Umbraco. *Detoran, Inquieto, Spindle, Whiskeyjack*. Nomes fortes pela sua glória e amargos por causa do cinismo de que qualquer exército se alimenta. Carregavam consigo a fúria daquela campanha interminável como um estandarte com um brasão.

O Sargento Whiskeyjack analisava os restos na colina. Tattersail observou-o a juntar as peças do que acontecera. Um músculo na face retesou-se. Ele fitou-a com um novo entendimento, uma sombra suavizada por detrás dos seus olhos cinzentos, que quase fez Tattersail cair mesmo à sua frente.

— É a última do batalhão? — perguntou-lhe.

Ela desviou o olhar, sentindo-se melindrada.

— A última em pé. Não foi devido às minhas capacidades. Foi apenas sorte.

Se ele ouviu a amargura na sua voz, não o demonstrou, permanecendo em silêncio enquanto observava os seus dois soldados das Sete Cidades baixando-se ao lado de Hairlock.

Tattersail humedeceu os lábios e trocou o peso de perna, desconfortável. Olhou para os dois soldados. Decorria uma conversa num tom de voz baixo. Ela ouviu Hairlock rir, o som, como um choque suave, fez com que se retraísse.

— O alto — disse ela. — Ele é um mago, não é?

Whiskeyjack grunhiu, depois disse:

— Chama-se Ben Ligeiro.

— Não foi esse o nome que lhe foi dado quando nasceu.

— Não.

Ela moveu os ombros contra o peso da capa, momentaneamente aliviando a dor na zona lombar que a incomodava.

— Eu devia saber quem é, Sargento. Esse tipo de poder chama a atenção. Ele não é um aprendiz.

— Não — respondeu Whiskeyjack. — Não é.

Ela sentiu-se enfurecer.

— Eu quero uma explicação. O que é que está a acontecer aqui?

Whiskeyjack fez uma careta.

— Não muita coisa, pelo que parece. — Ele levantou a voz. — Ben Ligeiro!

O mago ergueu a cabeça.

— Algumas negociações de última hora, Sargento — disse ele, exibindo um sorriso branco.

— Pelo sopro do Encapuzado. — Tattersail suspirou, voltando-se. Viu que a jovem ainda se encontrava no cume da colina e parecia analisar as fileiras de moranthianos que entravam na cidade. Como se sentisse a atenção de Tattersail, a sua cabeça virou-se bruscamente. A expressão amedrontou a feiticeira. Tattersail desviou o olhar.

— Isto foi tudo o que sobrou do seu pelotão, Sargento? Dois saqueadores do deserto e uma recruta com sede de sangue?

O tom de Whiskeyjack soou monótono.

— Tenho mais sete.

— E hoje de manhã?

— Quinze?

*Há algo de errado aqui.* Sentindo a necessidade de dizer alguma coisa, ela prosseguiu:

— Melhor que a maioria. — Amaldiçoou-se silenciosamente quando o sangue desapareceu do rosto do sargento. Acrescentou: — Ainda assim, estou certa de que eram bons homens, aqueles que perdeu.

— Bons a morrer — retrucou ele.

A brutalidade das suas palavras chocou-a. Vacilando mentalmente, ela fechou os olhos, lutando para segurar as lágrimas de perplexidade e frustração. *Passaram-se demasiadas coisas. Não estou pronta para isto. Não estou preparada para enfrentar Whiskeyjack, um homem curvado pelo peso da sua própria lenda, um homem que escalou mais do que uma montanha de mortos ao serviço do Império.*

Os Queimadores de Pontes não se tinham mostrado muito nos últimos três anos. Desde que o cerco começara, tinham recebido a tarefa de minar os velhos muros maciços de Pale. Aquela ordem viera diretamente da capital, e fora uma brincadeira cruel ou o produto de uma terrível ignorância: o vale inteiro era um depósito gelado, um acervo de pedras obstruindo um abismo tão profundo que até mesmo os magos de Tattersail tinham tido problemas em encontrar o fundo. *Eles estiveram escondidos três anos seguidos. Quando é que foi a última vez que viram o sol?*

Tattersail retesou-se de repente.

— Sargento. — Ela abriu os olhos. — Esteve nos túneis até hoje de manhã?

Com um entendimento devastador, observou a angústia apoderar-se do rosto do homem.

— Quais túneis? — perguntou ele, num tom de voz baixo, passando apressadamente por ela.



A feiticeira esticou o braço e agarrou no dele. Um tremor pareceu percorrê-lo.

— Whiskeyjack — sussurrou ela —, você intuiu tanto como eu. Sobre... sobre mim, sobre o que aconteceu nesta colina, com todos estes soldados. — Ela hesitou, depois disse: — O insucesso é algo que nós compartilhamos. Sinto muito.

Ele desvencilhhou-se, evitando os seus olhos.

— Não sinta, Feiticeira. — Ele fixou o olhar no dela. — Arrependimento é algo que não nos podemos dar ao luxo de ter.

Tattersail observou-o a caminhar até aos seus soldados. A voz de uma mulher jovem soou atrás de si.

— Hoje de manhã éramos mil e quatrocentos, Feiticeira.

Tattersail virou-se. Com a proximidade, percebeu que a jovem não devia ter mais de quinze anos. A exceção eram os seus olhos, que tinham o brilho baço de ónix desgastado — pareciam antigos, cada emoção corroída até à extinção.

— E agora?

O encolher de ombros da jovem foi quase despreocupado.

— Trinta, talvez trinta e cinco. Quatro dos cinco túneis desmoronaram completamente. Estávamos no quinto e cavámos o nosso caminho de volta. Violinista e Azarve estão a trabalhar nos outros, mas creem que todos os outros foram enterrados para sempre. Eles tentaram conseguir mais ajuda. — Um sorriso frio e sagaz espalhou-se no rosto sujo de lama. — Mas o seu mestre, o Alto Mago, impediu-os.

— Tayschrenn fez o quê? Porquê?

A jovem franziu o sobrolho, como se estivesse desapontada. De seguida, afastou-se simplesmente, parando no cume da colina e observando a cidade novamente.

Tattersail fitou-a. A jovem dissera a última frase como se procurasse alguma resposta em particular. *Cumplicidade?* De qualquer modo, estava a perder o tempo dela. *Tayschrenn não está a fazer aliados. Ótimo.* O dia fora um desastre e a culpa ia cair em cima do Alto Mago. Ela observou Pale, depois ergueu o olhar para o céu carregado de fumo por cima da cidade.

A forma massiva e suspensa que saudara todas as manhãs nos últimos três anos tinha de facto desaparecido. Tattersail ainda tinha dificuldades em acreditar, apesar da evidência que os seus olhos mostravam.

— Avisou-nos — sussurrou ela para o céu vazio, quando as lembranças da manhã retornaram. — Avisou-nos, não foi?

...